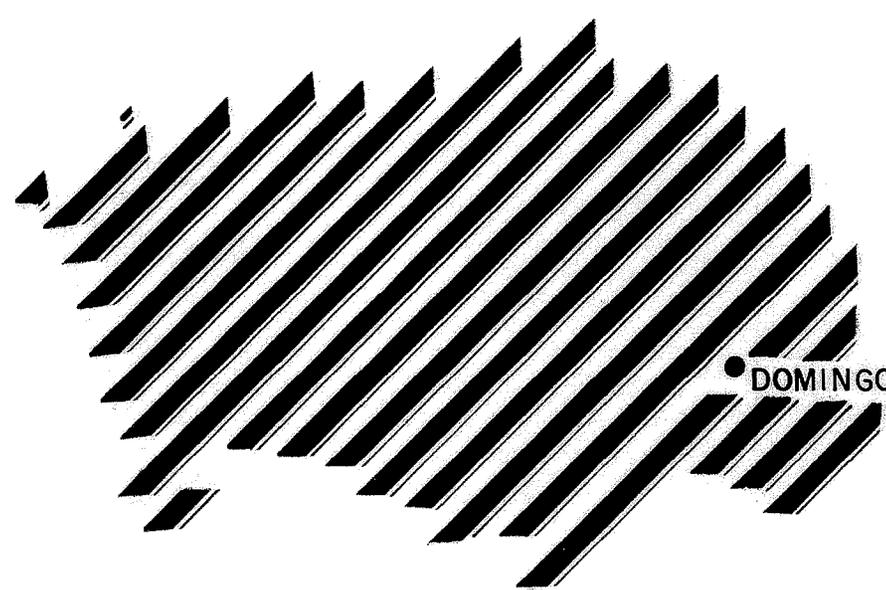


2200279

GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Coordenação Estadual do Planejamento

Grupo Executivo de Recuperação Económica do Espírito Santo



• DOMINGOS MARTINS

RELATÓRIO MUNICIPAL

PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL INTEGRADO

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES

RELATÓRIO MUNICIPAL DE DOMINGOS MARTINS

GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Gerson Camata

COORDENAÇÃO ESTADUAL DO PLANEJAMENTO

Orlando Caliman

GRUPO EXECUTIVO DE RECUPERAÇÃO ECONÔMICA DO ESPÍRITO SANTO

José Teófilo de Oliveira

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES

Manoel Rodrigues Martins Filho - Diretor Superintendente

Antonio Luiz Caus - Coordenador Técnico

EQUIPE TÉCNICA

COORDENAÇÃO

Carlos Teixeira de Campos Júnior

PESQUISA DE CAMPO

Ana Luzia Fregonazzi Botéchia

Carlos Teixeira de Campos Júnior

Isabel Peres dos Santos

Maria da Penha Cossetti

ELABORAÇÃO

Ana Luzia Fregonazzi Botéchia

EQUIPE DE APOIO DO IJSN

AGRADECIMENTO

A equipe de elaboração e todos os participantes do PDRI agradecem

- aos supervisores e técnicos dos escritórios locais da EMATER,
- aos presidentes ou membros de Diretores de Sindicatos,
- aos agentes das Igrejas que nos receberam e
- aos produtores rurais, por terem, de forma tão atenciosa, nos recebido para as entrevistas.

Gostaríamos de deixar claro que, sem esta preciosa colaboração não seria possível a realização deste trabalho.

ÍNDICE	PÁGINA
1. INTRODUÇÃO	7
2. CONDIÇÕES NATURAIS	11
3. ESTRUTURA DA PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA	13
3.1. ATIVIDADES AGROPECUÁRIAS	15
3.2. ESTRUTURA FUNDIÁRIA	23
3.3. RELAÇÕES DE TRABALHO	26
4. POLÍTICA AGRÍCOLA	29
5. CONDIÇÕES TÉCNICAS DA PRODUÇÃO	33
6. SETORES DE PRODUÇÃO	38
7. COMERCIALIZAÇÃO	53
8. CONCLUSÕES	60
ANEXO: DADOS DOS SETORES CENSITÁRIOS E MAPAS	62

1.

INTRODUÇÃO

Na dinâmica da elaboração dos PDRI's (Programas de Desenvolvimento Regional Integrado) das várias Regiões-Programa em que o Estado do Espírito Santo está oficialmente dividido, os *Relatórios Municipais* ocupam lugar de destaque.

Como o próprio nome indica, originalmente surgiram em decorrência da preocupação de se organizar e sistematizar as informações trabalhadas em escritório e colhidas em campo. Num primeiro momento, o Relatório Municipal cumpriu a função de um documento de trabalho, em vista da elaboração dos Relatórios Regionais. Com o passar do tempo, principalmente após a mudança do governo estadual em 1983, os Relatórios Municipais começaram a ter destaque no trabalho do PDRI devido sua demanda pelas prefeituras municipais e outros órgãos estaduais, em especial a Secretaria de Agricultura.

Quanto à metodologia utilizada no seu desenvolvimento, destacam-se os seguintes passos e considerações:

a) Levantamento de dados secundários para a preparação da viagem a campo.

Inicialmente foi definida uma série de dados (perfil da produção, estrutura fundiária, relações de trabalho, etc.) a serem coletados no Censo Agropecuário e em outras fontes, como os dados organizados por computador, a partir da Folha de Coleta do Censo. De posse desses dados, com a devida discussão de suas principais tendências e determinações, ter-se-ia uma primeira aproximação da realidade agropecuária do município em questão. Desta forma, cada subequipe de viagem iria a campo com as informações secundárias organizadas num documento de trabalho.

b) Realização da viagem a campo.

Todos os municípios que têm alguma expressão agrícola foram visitados nesta viagem: Afonso Cláudio, Alfredo Chaves, Anchieta, Cariacica, Domingos Martins, Fundão, Guarapari, Ibirapuçu, Piúma, Santa Leopoldina, Santa Teresa, Serra e Viana.

A principal razão da viagem foi a coleta de dados junto às principais entidades atuantes em cada município (EMATER, sindicatos, cooperativas, associações de produtores, MEPES, Igreja, etc.) e entrevista a produtores locais mais representativos de sua categoria: pequenos proprietários, parceiros, em alguns casos assalariados permanentes e assalariados temporários, além dos volantes.

Cabe ressaltar neste item a fundamentalidade do contato com os técnicos da EMATER local, tendo em vista sua larga experiência junto aos produtores. Deveu-se a eles, outrossim, o mapeamento das principais culturas que se desenvolvem no município¹. Além disso, as informações básicas sobre o município, no que diz respeito à sua realidade agropecuária.

Para a realização do PDRI da Região-Programa I de Vitória, foi introduzida uma série de contatos com produtores locais representativos², objetivando um aprofundamento ainda maior do conhecimento do real, apreendido através das instituições contatadas, na medida em que o discurso do produtor expressa de forma mais efetiva a complexidade de sua realidade vivida no dia-a-dia.

Depois dos dados (primários e secundários) coletados e trabalhados, de finindo-se a estrutura do relatório, partiu-se para sua redação.

¹Este mapeamento constitui-se a base espacial para a definição das várias formas de produção agropecuária do município. O critério de importância das culturas foi definido com base na maior ou menor renda gerada para um determinado grupo de produtores locais.

²Este passo metodológico não foi realizado, quando da elaboração dos relatórios regionais anteriores.

Há que se destacar a terminologia utilizada ao longo do texto, sendo que alguns conceitos são fundamentais para sua compreensão, especialmente:

- *Setor de Produção*: caracteriza-se pelo espaço geo-econômico (inicialmente mapeado pelo técnico da EMATER), no qual desenvolve-se uma ou mais culturas principais, secundárias, embrionárias, etc. Tais culturas e/ou atividades podem estar combinadas ou em processo de exclusão (ex. de culturas combinadas: café, milho, feijão; de exclusão: cana, cereais).
- *Bolsões*: no interior dos setores de produção pode surgir uma cultura e/ou atividade, contrastante com a hegemônica, que tenha expressividade naquela área específica. Neste caso, esta determinação espacial é denominada bolsão.
- *Setores Censitários*: constituem-se a unidade espacial de mensuração e coleta de dados da FIBGE; isto é, o espaço do território municipal possível de ser percorrido por um recenseador, definido por um número limite de unidades de coleta. A importância dos setores censitários está em que, a partir dos dados tomados das Folhas de Coleta da FIBGE, depois de processados, foram organizados³ obedecendo àquela unidade. Desta forma, para os principais estudos do espaço considerado, o setor censitário é um importante referencial de observação, a partir do qual se inferirá ou se levantará hipóteses acerca da realidade.

Do ponto de vista da estrutura e conteúdo dos *Relatórios*, pensou-se numa primeira apresentação ("Estrutura da produção agropecuária do município") do município ao leitor, considerando suas principais atividades agropecuárias, bem como a evolução das principais referências de análise: estrutura fundiária, relações de trabalho e tecnologia utilizada na produção. No caso de o fenômeno demográfico ter especial significação, é tra

³Estrutura fundiária por área e número de estabelecimentos; área de lavouras permanentes; área de lavouras temporárias; população ocupada por estrato; número de tratores; população bovina, suína e de aves.

tado neste momento do texto.

Depois de o município haver sido caracterizado em suas constituições mais gerais, passa-se a trabalhar os setores de produção. Neste momento, suas determinações mais gerais ganham força e concretude nos movimentos específicos, internos ao município. Trata-se de um trabalho que pretende ser de caráter analítico, em que se procurará garantir: a) as especificidades das culturas e/ou atividades no interior de cada setor de produção e b) suas articulações inter-setores; c) uma análise do processo produtivo assentado nas referências básicas: estrutura fundiária, relações de trabalho e tecnologia utilizada na produção (entendendo-se as especificidades de cada setor, tenta-se a compreensão global do município).

Depois de se esgotar razoavelmente a reflexão sobre o processo produtivo, passa-se ao entendimento do processo de realização da produção.

Na esfera da comercialização dos produtos agropecuários, procurar-se-á descrever as características de cada produto ou grupo de produtos, destacando-se: a cadeia de intermediação; principais firmas ou agentes de comercialização; principais formas de subordinação da produção; idem para formas de controle do mercado (mono-oligopólio/oligopsonio), entre outros.

É importante assinalar que o redator, ao escrever o item "Comercialização", não está preocupado com análises teóricas, mas tão-somente com a descrição da realidade observada e apreendida.

Fechando o texto, as "Conclusões" têm o objetivo de captar as principais determinações existentes no município, do ponto de vista do processo produtivo e da realização da produção agropecuária, enfatizando os pontos de estrangulamento específicos daquela realidade sócio-econômica. Caso seja possível, tentar-se-á esboçar algumas tendências gerais.

Quanto ao relevo, o município se apresenta bastante acidentado, com um grau médio de declividade superior a 30%. Em decorrência da alta declividade dos terrenos, ocorre com frequência a má localização das culturas. Ela se dá dentro do próprio estabelecimento, onde o produtor busca áreas menos acidentadas, mesmo que de difícil acesso. E, na medida em que essas áreas se tornam escassas, principalmente quando há necessidade de rotatividade da terra, a lavoura vai sendo alocada para outras áreas não apropriadas. A horticultura, por exemplo, é bastante prejudicada, pois exige uma constante rotatividade, sendo, às vezes, cultivada em locais difíceis de ser irrigada (áreas mais altas, por exemplo), por falta de outros mais acessíveis.

3.

ESTRUTURA DA PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA

O município de Domingos Martins caracteriza-se por uma estrutura de produção tradicionalmente diversificada, pois, desde sua colonização até os dias atuais, predominam aí as pequenas propriedades que não têm, se não produzir de tudo um pouco, como opção de sobrevivência. Assim, quando da formação do município, ao se constituírem pequenas propriedades, estas mobilizaram-se maciçamente para a produção cafeeira — única fonte de renda monetária na época — e de diversos outros produtos a serem auto-consumidos como o feijão, milho, frutas e legumes, além da criação de animais, pois que havia acesso a uma gama ínfima de bens de consumo.

Ao longo dos anos, ao se constituir um mercado próximo (Vitória e aglomerados arredores), a diversificação de produtos inicialmente para dentro — porque se dava para garantir a subsistência do pequeno proprietário — passa a ser uma diversificação para fora, com vistas ao mercado até então constituído. As propriedades, então, de acordo com suas características (fertilidade, localização, tamanho, entre outras), foram se especializando em determinadas atividades, pois já não era necessária uma produção picada (pouca produção de muitos produtos), devido à abertura de mercado. Ocorre que cada agrupamento de propriedades com características comuns, em uma dada região, passa a se especializar em determinada atividade diversificada, ficando o município retalhado em tantas partes quantas forem as atividades especializadas. Esse novo esquema de produção se dá sobre a tradicional estrutura diversificada do município.

A esta base produtiva diversificada, numa estrutura de pequenas propriedades, associa-se uma relação de produção específica, tendo na mão-de-obra familiar a categoria de trabalho predominante.

Tal estrutura praticamente se manteve ao longo dos anos, já que algumas modificações verificadas como a concentração fundiária numa determinada

área municipal, não tem ainda abrangência significativa no sentido de imprimir nova dinâmica à economia do município. Isto não implica que assim permaneça daqui por diante.

As questões aqui levantadas serão analisadas a seguir, em três itens: Atividades Agropecuárias, Estrutura Fundiária e Relações de Produção, a partir dos dados dos Censos Agropecuários de 1960 a 80.

3.1. ATIVIDADES AGROPECUÁRIAS

As diversas atividades rurais desenvolvidas no município têm, cada uma delas, um grau de importância que varia, no geral, de um período para outro, conforme demonstra a evolução a seguir.

Em 1960, os principais produtos do município eram o café e a avicultura. O café já vinha, há muito, sendo um importante produto, enquanto a avicultura estava, nessa época, em plena constituição. Ainda assim, foi implantada com uma capacidade produtiva bem expressiva, graças, principalmente, a uma política favorável de abertura de crédito pelo Governo. Nessa época, o milho significava maior área de lavoura (área colhida) e a mandioca a maior produção (quantidade). Apesar disso, não ultrapassavam, em geração de renda, o café e a avicultura.

Pelos dados de 1970, observa-se que a produção animal era mais importante, em termos de geração de renda, que a produção vegetal. Essa mudança deve-se, basicamente, à queda da produção cafeeira—que chega a menos da metade da produção de 1960—ante os efeitos da política de erradicação, e ao avanço da produção avícola, que significava o maior montante da renda municipal em 1970. As culturas temporárias, conforme mostra o quadro "Valor da Produção", tiveram um bom desempenho quanto à geração de valor, devido ao crescimento do plantio de feijão e à implementação das olerícolas, via política creditícia. Apesar desse avanço das atividades temporárias, a produção vegetal não cresceu, pois que a produção de café—principal produto vegetal—foi duramente quebrada. E o que realmente assegurou a renda do município foi a produção avícola que, continuando a crescer, chega, ao final dos anos 70, ao dobro da capacidade produtiva do início da década. Assim, esse produto entra em 1980 com um avanço de produção que foi capaz de gerar 48% da renda municipal naque

le ano. Novamente as lavouras permanentes voltam a crescer, devido principalmente ao retorno à atividade cafeeira, que era a maior produção vegetal em 1980. A banana também tem um importante significado em termos de renda gerada neste ano, sendo o 4º produto na escala de geração de renda, conforme demonstra o quadro "Evolução da Produção".

O comportamento das lavouras temporárias de 1970 para 80 foi de crescimento moderado. O que se nota aqui é uma queda violenta na área plantada de mandioca, que passa a 3.606ha em 1970 para 964ha em 80. Essa atividade foi substituída pela olericultura—em expansão desde 1970—e pelo feijão—atividade que se manteve entre as principais nas 3 últimas décadas—, que passaram a oferecer rendimentos mais favoráveis ao produtor.

Nota-se que, ao longo dessas décadas, cada cultura passou por transformações próprias, embora desencadeadas por mecanismos exógenos (preço de mercado, demanda, custos de produção, política creditícia, entre outros). Diante deste fato, é interessante se apontar as mudanças que cada cultura enfrentou no correr dos anos em questão. Essa análise será desencadeada a seguir, e partirá das culturas mais importantes do município.

A avicultura surge em 1960 e, em fins de 70, duplica sua capacidade produtiva. Atualmente, frangos e ovos figuram como os principais produtos do município, abastecendo grande parte do mercado capixaba, além de outros vizinhos, como o de Minas Gerais e o da Bahia.

A produção avícola se dava, inicialmente, em granjas de pequeno porte que, devido ao incremento dos custos de produção (em especial do custo da ração) e à entrada no mercado de granjas de maior porte, foram perdendo espaço. Muitas delas foram desativadas; outras foram arrendadas, como única opção de sobrevivência. Em meio a essa passagem para uma estrutura produtiva de caráter mais capitalista, a produção teve um decréscimo que se conteve, quando esta nova estrutura já havia se instalado. Esta nova estrutura é composta de granjas de médio e grande porte, da maioria dos proprietários da região que são os arrendatários das granjas menores e donos de fábricas de ração, e de outras de proprietários forâneos

(é o caso das granjas das empresas Dumilho e Cipasa).

O café, como já foi destacado, tem se mantido entre os primeiros produtos na pauta de comercialização do município, decaindo apenas em 1970 e meados da década, em consequência da política de erradicação adotada nos anos 60. Em 1980, o produto volta a retomar sua posição, destacando-se como o principal componente da produção vegetal.

O feijão tem um lugar destacado na produção municipal pois, nas últimas três décadas, foi crescendo em produção e valor gerado, vigorando entre os primeiros produtos, conforme demonstra o quadro "Evolução da Produção".

A mandioca foi um importante produto para o município até 1970. A partir daí a produção decresce bruscamente, passando de 18.450 ton. para 6.119ton. em 80, devido, principalmente, à baixa de preços.

A produção olerícola toma impulso após 1970, destacando-se a cultura do tomate. Atualmente, esta última encontra-se em expansão no município, que se destaca como o segundo centro abastecedor do Estado.

Já o milho, produto tradicional no município, mantém a produção praticamente constante entre 1960 e 80, embora não tenha muita expressão em termos de valor gerado.

A pecuária não tem figurado, ao longo desses anos, como atividade de destaque para o município, apesar de vir impulsionando a produção. A bovinocultura, em sua maior parte mista, começa a crescer em 1980, indicando um papel de destaque na produção municipal futura. A suinocultura é significativa, com granjas tecnificadas e uma produção também crescente.

A banana passa a ter significado a partir de 1970, quando é triplicada sua produção (de 487ha em 1960, para 1.394ha em 1970); mas é em 1980 que a cultura se destaca, com um valor de produção equivalente a Cr\$ 78.386.000, segundo a Tabela "Evolução da Produção". Naquele ano era

o terceiro produto mais importante da produção vegetal.

A fruticultura é uma importante atividade do município e se encontra em expansão, devido principalmente às potencialidades naturais deste último, como clima, solo e localização favoráveis. Dentro dessa atividade desenvolve-se a fruticultura de clima temperado, que tem no morango seu produto principal, assim como no citrus, que avança em produção desde 1980.

Há ainda áreas de matas e florestas, que englobam porção significativa da área municipal: cerca de 20%, segundo os dados de 80. Esta importância tem diminuído bastante como se nota a partir dos dados de 60, quando essas áreas verdes cobriam quase 28% do território municipal, devido ao desmatamento e, principalmente, à prática da queimada, cuja utilização é constante em Domingos Martins.

As áreas produtivas não utilizadas vêm diminuindo significativamente a cada 10 anos; ainda assim, dominam uma área significativa. Em 1980, por exemplo, somaram 11.932ha.

Já as áreas de várzeas vêm-se recuperando com o plantio de arroz, embora algumas estejam ainda sem atendimento.

Esse é o esquema de produção que vigora no município nas décadas de 60, 70 e 80. Uma análise mais específica será feita no item "Setores de Produção", onde se levará em conta a(s) principal(is) cultura(s) que domina(m) uma determinada área, do ponto de vista da renda gerada para um determinado grupo de produtores.

TABELA 1
MUNICÍPIO DE DOMINGOS MARTINS
USO DO SOLO (1960-70-80)

ANOS	LAVOURAS PERMANENTES		LAVOURAS TEMPORÁRIAS		PASTAGENS		MATAS E FLORESTAS				TERRAS INCULTAS ¹		TERRAS IRRIGADAS		TOTAL	
							NATURAIS		PLANTADAS							
	ÁREA	%	ÁREA	%	ÁREA	%	ÁREA	%	ÁREA	%	ÁREA	%	ÁREA	%	ÁREA	%
1960	7.989	6,89	16.700	14,4	20.791	17,93	28.724	24,78	2.826	2,44	34.627	29,28	10	0,01	115.934	96
1970	4.778	4,05	15.426	13,08	25.142	21,33	18.763	15,91	1.244	1,06	44.291	37,57	216	0,18	117.899	93
1980	9.925	8,87	15.306	13,68	31.050	27,75	20.955	18,73	1.391	1,24	23.987	21,43	-	-	111.906	92

Fonte: FIBGE, *Censo Agrícola de 1960*
Censo Agropecuário, 1970 - 1980

¹Terras incultas = terras produtivas não utilizadas mais improdutivas

TABELA 2
MUNICÍPIO DE DOMINGOS MARTINS
EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA (1960-70-80)

ANOS PRODUTOS	ÁREA COLHIDA (ha)			VALOR DA PRODUÇÃO (EM Cr\$ 1.000 A PREÇOS DE 1980)		QUANTIDADE PRODUZIDA (TON.)	
	1960	1970	1980	1970	1980	1970	1980
Banana	487	1.394	1.318	22.231	78.386	503	946
Cafê	4.805	2.369	4.119	29.987	155.548	1.298	3.578
Feijão	2.718	4.541	5.115	47.363	97.093	1.875	2.629
Mandioca	2.964	3.606	964	38.927	23.083	18.450	6.119
Milho	5.688	6.200	5.657	27.707	36.171	4.167	4.698
Tomate	-	-	426	15.156	51.350	1.442	6.341
Cenoura	-	-	-	355	10.990	28	1.104
Chuchu	-	-	-	3.493	13.580	702	2.849
Batata	-	-	-	-	-	50	510
Ovos ¹	-	-	-	-	-	4.909.000	6.645.000
Aves ²	-	-	-	-	-	696.117	2.561.617
Suínos ²	-	-	-	-	-	22.095	21.698

Fonte: FIBGE, *Censo Agrícola de 1960*
Censo Agropecuário, 1970 e 1980

¹Quantidade produzida por dúzias

²Quantidade produzida por cabeça.

TABELA 3

MUNICÍPIO DE DOMINGOS MARTINS

VALOR DA PRODUÇÃO ANIMAL E VEGETAL (A PREÇOS CORRENTES DE 1980 - Cr\$ 1.000)

PRODUÇÃO ANIMAL	DOMINGOS MARTINS (D.M.)				ESPIRITO SANTO (E.S.)			
	1970	%	1980	%	1970	DM/ES (%)	1980	DM/ES (%)
Grande Porte	23.463	5,2	58.146	4,7	2.310.386	1,0	7.781.667	0,7
Médio Porte	23.440	5,2	37.545	3,0	444.708	5,2	725.129	5,2
Pequeno Porte	217.229	48,3	587.051	47,5	623.378	34,8	1.762.593	33,3
Total	264.132	58,8	682.744	55,3	3.378.472	7,8	10.269.360	6,6
Vegetal	-	-	-	-	-	-	-	-
Lavouras Perma nentes	45.960	10,2	246.232	19,9	4.206.029	1,0	13.727.191	1,8
Lav. Temporãri as	136.202	30,3	232.363	18,8	2.383.876	5,7	4.231.295	5,5
Hortc. e Floric.	-	-	70.313	5,7	-	-	202.014	34,8
Silvicultura	1.034	0,2	816	0,07	6.273	16,5	587.384	0,1
Ext. Vegetal	1.930	0,4	1.665	0,1	507.007	0,4	399.656	0,4
Total	185.126	41,2	551.391	44,7	7.103.186	2,6	19.147.542	2,9
Total (Animal e Vegetal)	449.258	100	1.234.135	100	10.481.658	4,3	29.416.902	4,2

Fonte: FIBGE, *Censo Agropecuário*, 1970 e 1980

TABELA 4
MUNICÍPIO DE DOMINGOS MARTINS
PRODUÇÃO ANIMAL E ÁREA DE LAVOURAS, POR ESTRATO DE ÁREA - 1980

ESTRATOS DE ÁREA	0-10ha	10-50ha	50-100ha	+100ha	TOTAL
PRODUÇÃO ANIMAL					
Grande Porte (Bovinos)	432	6.992	5.714	2.849	19.987
Médio Porte (Suínos)	1.700	12.625	4.853	2.597	21.806
Pequeno Porte (Aves)	198.317	931.262	916.357	417.646	2.463.590
Área de Lavou ras	0-10ha	10-50ha	50-100ha	+100ha	Total
Permanentes	501	5.456	2.512	1.459	9.928
Temporárias	1.070	7.656	3.652	2.946	15.325

Fonte: FIBGE, Folha de Coleta do *Censo Agropecuário*, 1980.

3.2. ESTRUTURA FUNDIÁRIA

Em relação à distribuição das terras, o município tem se caracterizado como de baixa concentração, com uma estrutura de pequenas propriedades dominando a maior área municipal. Essa estrutura teve variações ao longo das 3 últimas décadas, embora tenha se mantido o predomínio dos pequenos estabelecimentos.

Em 1960, os dados indicavam uma concentração de área no estrato de 50 a 100ha. A partir daí, a concentração nesse estrato foi diminuindo, enquanto aumentava no estrato de 0-50ha. Assim, após 60, as propriedades de área entre 0-50ha passam a dominar, a nível de área municipal, permanecendo até a década de 80.

A partir de 1970, nota-se um crescimento dos estratos de área acima de 100ha, o que aponta para uma maior concentração. Desde então estes estabelecimentos vêm tomando importância, proporcionando, inclusive, uma nova dinâmica produtiva ao município. Isso teve como causa a especulação fundiária acarretada pela expansão do reflorestamento—via incentivos fiscais e creditícios por parte do Governo—e pela possibilidade da criação de um pólo turístico, dadas as condições favoráveis existentes no município (clima, relevo, solo, etc.), além de uma discreta contribuição da pecuária bovina, que cresce nesse período.

Atualmente predominam no município as propriedades de 0 a 50ha e, em seguida, as de área entre 50 e 100ha. Essas propriedades caracterizam-se por ter uma estrutura de produção diversificada, que é típica do município. Ocorre que as propriedades acima de 100ha—dominando atualmente uma área municipal considerável (extremo-oeste do município)—têm uma dinâmica de produção atípica, isto é, elas não diversificam, mas, ao contrário, dedicam-se à monocultura (pecuária bovina, reflorestamento).

Nota-se, com isso, uma divisão espacial onde, de um lado, concentram-se as pequenas propriedades com produção diversificada e, de outro—embora numa área bem inferior à primeira e em meio a pequenas propriedades—, as maiores, que se caracterizam pela monocultura.

TABELA 5
MUNICÍPIO DE DOMINGOS MARTINS
ESTRUTURA FUNDIÁRIA APARENTE (1960-70-80)

ANOS	ESTRATOS DE ÁREA		0-10ha				10-50ha				50-100ha				+100ha				TOTAL			
	Nº DE ESTAB.	%	Nº DE ESTAB.	%	Nº DE ESTAB.	%	Nº DE ESTAB.	%	Nº DE ESTAB.	%	Nº DE ESTAB.	%	Nº DE ESTAB.	%	Nº DE ESTAB.	%	Nº DE ESTAB.	%	Nº DE ESTAB.	%	Nº DE ESTAB.	%
1960	109	4,5	589	0,51	1.371	56,6	38.363	33,1	732	30,2	46.974	40,5	211	8,8	30.008	25,9	2.423	100	115.934	100		
1970	443	14,5	2.095	1,78	1.773	57,9	46.526	39,5	657	21,5	42.937	36,4	186	6,1	26.342	22,3	3.059	100	117.900	100		
1980	362	13,3	1.739	1,55	1.609	59,2	41.812	37,4	524	19,3	34.567	30,9	224	8,2	33.784	30,2	2.719	100	111.902	100		

Fonte: FIBGE *Censo Agrícola de 1960*
Censo Agropecuário, 1970 e 1980.

3.3. RELAÇÕES DE TRABALHO

A mão-de-obra utilizada no município é, em sua maioria, familiar, graças à estrutura de pequenas propriedades, que é dominante desde a colonização.

No período de 1960 a 1970, a mão-de-obra familiar é crescente, ao contrário da parceria que sofre uma queda profunda no período, passando de 419 para 92 parceiros. Isso se dá devido a um processo de desconcentração fundiária, que pode ser explicado principalmente pela queda da produção cafeeira.

Aqui o assalariamento também aumenta, especialmente o permanente, o que se deve ao crescimento do número de sítios de recreio, que empregam tal mão-de-obra. O assalariamento temporário se expande, embora numa proporção menor que a do permanente.

Contrariamente ao período anterior, os anos 70 caracterizam-se pelo aumento expressivo da parceria, que passa de 92 para 1.109 em número, e pela retração do emprego de mão-de-obra familiar. Tal fato é explicado pela concentração fundiária ocorrida no período, que se deveu à nova atuação da cafeicultura que voltou com força, e à implementação do cultivo de olerícolas.

Também se observa um avanço importante dos assalariados permanentes, que são utilizados no café e na banana—produtos em expansão no período de 1970 a 80—, além de serem empregados como mensalistas nas terras dos "doutores de fora" (sítios de lazer).

Atualmente a mão-de-obra familiar, significando 76,1% do total da força de trabalho empregada no município, é utilizada especialmente na olericultura, na banana, na avicultura e na fruticultura. A parceria, equiva

tendo a 9,2% da mão-de-obra municipal, é empregada nas lavouras do café, milho, feijão, olerícolas e, em menor escala, na banana. É constituída, basicamente, de pessoas da região. Ocorre também de parceiros serem assalariados em outras culturas, já que, como parceiros, seus rendimentos são mínimos. Além disso, existe um tipo de parceria em que se utiliza o assalariado permanente, formador das lavouras de café e da banana, parceiro no feijão e no milho enquanto o café não produz, e parceiro no café, quando este começa a produzir.

Os assalariados permanentes, representando em 1980 a 3ª categoria da mão-de-obra rural (cerca de 8,4% do total da mão-de-obra), são a força de trabalho dos sítios de recreio e são também utilizados na formação do café e da banana. Eles advêm da própria região ou de arredores, e são recrutados também em outros estados próximos (Minas Gerais e Bahia).

Já os assalariados temporários, significando 5,4% da mão-de-obra em 1980, são utilizados nas épocas que mais se necessita de trabalhadores no campo, como na colheita e na capina do café e da banana, sendo originários da região ou de municípios vizinhos (Afonso Cláudio, Alfredo Chaves e Conceição do Castelo).

TABELA 6
MUNICÍPIO DE DOMINGOS MARTINS
PESSOAL OCUPADO POR CATEGORIA

ANOS	MÃO-DE-OBRA FAMILIAR		PARCERIA		ASSALARIADO PERMANENTE		ASSALARIADO TEMPORÁRIO		TOTAL	
	NÚMERO	%	NÚMERO	%	NÚMERO	%	NÚMERO	%	NÚMERO	%
1960	7.355	88,6	419	5,0	209	2,5	316	3,8	8.299	100
1970	9.591	89,3	92	0,8	523	4,8	448	4,1	10.734	100
1980	9.108	76,1	1.109	9,2	1.017	8,4	648	5,4	11.967	100

Fonte: FIBGE, *Censo Agrícola de 1960 e Censo Agropecuário, 1970 e 1980*

PESSOAL OCUPADO POR ESTRATO DE ÁREA - (EM HA) - DOMINGOS MARTINS

ANO	ESTRATOS DE ÁREA (EM ha)				
	0-10	10-50	50-100	+100	TOTAL
1980	1.228	6.564	2.584	1.693	12.069

Fonte: FIBGE, Folha de Coleta do *Censo Agropecuário, 1980*.

4.

POLÍTICA AGRÍCOLA - CRÉDITO/FINANCIAMENTO

A política agrícola via concessão de crédito e financiamento por parte das agências bancárias municipais (BANESTES, Banco do Brasil e BRADESCO) e estaduais (BANESPA e BANDES), tem se mostrado escassa a nível do município. Isso se deve ao fato de o montante disponível não ser suficiente, o que limita a aplicação a categorias e a atividades específicas. Ocorre, por exemplo, que os maiores proprietários têm maior acesso ao crédito, devido à ligação a agentes financeiros e a garantias mais seguras. Assim, a categoria "pequenos proprietários", fica restrita uma pequena parcela de crédito. Além disso, o crédito é discriminatório; isto é, mais aberto a algumas culturas que a outras. Para a bananicultura, por exemplo, o crédito para custeio—que tem maior ocorrência na região—é bom, enquanto para o café, o milho e o feijão, é deficiente. Há casos até de inexistência de crédito para certas atividades, sendo a avicultura uma delas. Acontece também, algumas vezes, a necessidade de se passar pela EMATER—que funcionará como agente fiscalizador—para que o Banco conceda o crédito. Isso ocorre quando o agente financiador é o Banco do Brasil e somente no crédito para banana e horticultura.

Dentro deste quadro, o BANDES tentou uma abertura, aplicando cerca de Cr\$ 180 milhões em 60 projetos de investimento para culturas alimentares. Esses recursos, entretanto, concentraram-se nas localidades de Todos os Santos e Biriricas e, em menor escala, foram aplicados em Araguaia, Alto Santa Maria e em Aracê, na fruticultura de clima temperado.

Um outro aspecto interessante em relação à política agrícola é que, enquanto para algumas linhas de crédito são feitas certas exigências, para outras elas inexistem, como ocorre com a parcela do financiamento para mão-de-obra, fazendo com que muitos a apliquem no setor financeiro, como em cadernetas de poupança e em RDB's, fato que tem acontecido com frequência no município.

Esse é o panorama atual da política agrícola no município e que advém de acontecimentos anteriores. Assim, os dados do período 1970-80 indicam um aumento expressivo de crédito para custeio, que passa de Cr\$ 2.634.000 para Cr\$ 76.701.000, ao mesmo tempo que mostram uma concentração desse crédito em poucos estabelecimentos (em 1980, apenas 197 utilizaram crédito para custeio). O crédito para investimento, por outro lado, não cresceu muito no período, passando de Cr\$ 30.638 para Cr\$ 48.344, em Cr\$ 1.000. Mas, segundo as Tabelas em anexo, foi melhor distribuído, alcançando, em 1980, 242 estabelecimentos. O total do crédito utilizado no município, de 1970 para 80, teve um crescimento importante, conforme indicação das Tabelas de crédito rural; entretanto, segundo os produtores e entidades rurais, esse crescimento não foi suficiente. Em relação ao Estado, o montante de crédito utilizado no município somou, em 1980, algo em torno de 3%.

Diante deste quadro, os produtores clamam por um montante maior e melhor distribuído—aumento do bolo de crédito para custeio, e ainda mais para o investimento, que se encontra escasso—, somado a mecanismos mais simples de acesso às agências financeiras—crédito direto sem ter que passar por outras entidades, maiores informações aos pequenos proprietários e juros condizentes com a capacidade de pagamento dos produtores—e uma fiscalização generalizada, quanto à aplicação real desses recursos.

TABELA 7

MUNICÍPIO DE DOMINGOS MARTINS

CRÉDITO RURAL (ORIGEM E DESTINO DO CRÉDITO UTILIZADO)

ANOS	ORIGEM GOVERNO	DESTINO				TOTAL
		INVESTIMENTO	CUSTEIO	COMERCIALIZAÇÃO	OUTROS ¹	
1970	29.572	30.638	2.634	148	64	33.473
1980	145.368	48.344	76.701	50	31.104	156.199

Fonte: FIBGE, *Censo Agropecuário*, 1970 e 1980¹Significam 2 ou mais destinos para o crédito obtido.

TABELA 8
MUNICÍPIO DE DOMINGOS MARTINS
ESTABELECIMENTOS QUE UTILIZARAM CRÉDITO

ANOS	TOTAL ESTABELECIMENTOS	ESTABELECIMENTOS UTILITÁRIOS			
		INVESTIMENTO	CUSTEIO	COMERCIALIZAÇÃO	TOTAL
1960	2.423	-	-	-	18
1970	3.059	118	24	2	147
1980	2.719	242	197	1	440

Fonte: FIBGE, *Censo Agrícola de 1960 e Censo Agropecuário, 1970 e 1980.*

5. CONDIÇÕES TÉCNICAS DA PRODUÇÃO

Domingos Martins é o município que mais utiliza fertilizantes e defensivos em todo o Estado. Em 1980, cerca de 92% dos estabelecimentos rurais utilizavam fertilizantes e 78% empregavam defensivos agrícolas na produção, conforme indicação do quadro a seguir.

Durante a década de 70 o uso de fertilizantes cresceu em torno de 20%, ocorrendo nesse período uma crescente substituição do adubo orgânico pelo químico. Esta substituição se deveu, basicamente, aos preços acelerados do adubo orgânico e à queda de qualidade desse tipo de fertilizante, causada pela mistura de outros ingredientes, com o fim de diminuir o volume real de fertilizante por unidade de peso comercializada. Desta forma, o adubo orgânico continua sendo utilizado em todas as culturas, sendo possível graças às granjas do município, que fornecem adubo de aves aos produtores da região.

Quanto aos defensivos, tem-se notado desde meados dos anos 70, maior uso de pesticidas que de herbicidas. Sua utilização tem sido problemática devido ao uso exagerado, principalmente na fruticultura e na olericultura, onde os produtores chegam a pulverizar, em média, 4 vezes por semana. Além disso, o uso descuidado dos equipamentos de pulverização tem causado vítimas.

A mecanização agrícola com o emprego de tratores, especialmente os micro, tem se acelerado desde 1975, chegando a atingir, em 1980, um total de 173 unidades (Vide quadro a seguir). No entanto, o que predomina no geral do município é o uso do arado, principalmente o manual.

Analisando a tecnologia empregada na agricultura em cada etapa da produção, nota-se que, no *preparo da terra*, ainda predomina o uso da enxada, o que se deve à alta declividade existente no município. Entretanto, tem-se observado um crescimento dos micro-tratores nessa fase da produção, principalmente em Melgaço e nos setores de produção, 1, 3 e 8.1.

Na *adubação*, utiliza-se o adubo orgânico (de bovinos e aves) na maioria das culturas, especialmente no feijão e no milho. A adubação química prevalece apenas no café.

O *plantio* é manual, devido também à declividade elevada das terras. As sementes e mudas são próprias ou compradas, mas já fiscalizadas (certificadas). Para o plantio de hortaliças, aproximadamente 90% das sementes são certificadas, ocorrendo, em alguns lugares, o uso de sementes próprias. No feijão e na banana, cerca de 95% das sementes utilizadas são do próprio produtor e, no cultivo do morango, as mudas são todas próprias. As sementes utilizadas na citricultura são provenientes de Santa Leopoldina, enquanto as mudas de café são fornecidas por viveiros fiscalizados, com sede em Parajū e Santa Maria.

Nos *tratos culturais*, utiliza-se a capina nas lavouras de milho, do feijão, na olericultura, no cultivo do morango e, predominantemente na bananicultura.

O uso de herbicidas é bastante elevado na horticultura, no café e no tomate. Também ocorre no inhame, quando há falta de mão-de-obra para os cuidados da lavoura; no morango e na banana, em menor escala. Nesta cultura também se destaca o uso de defensivos, empregando-se todos os tipos e em grande quantidade. Os de maior utilização são os fungicidas, aplicados excessivamente no tomate (cerca de 75Kg por ha) e na batata (em média 30Kg por ha); os inseticidas, usados normalmente para o controle do pulgão nas folhosas; o adubo folhear e o espalhante adesivo, que é misturado ao inseticida.

Na cafeicultura o fungicida é o mais utilizado que o inseticida, sendo o segundo empregado na lavoura, por falta de mão-de-obra.

Na bananicultura usa-se inseticida no preparo da muda e no controle da broca da bananeira, além de se empregar o carbureto para antecipar e uniformizar o amadurecimento da fruta.

Nas lavouras do milho e do feijão, o inseticida é usado no plantio para a eliminação das formigas (formicida) e um outro tipo de defensivos é

utilizado após a colheita, para a conservação da semente. Esse outro defensivo é o *melagram* ou *melathion*.

No cultivo do morango o uso de defensivos é acentuado, principalmente dos inseticidas. Os produtores já chegaram até a utilizar remédio a base de mercúrio, bastante prejudicial a saúde. A frequência do uso de defensivos nessa cultura é alta, sendo igual ou até maior que nas olerícolas.

Os produtores se vêem na dependência do uso crescente de adubos e defensivos, dada a impossibilidade de se manter a produção caso não se faça o seu uso. Já não há terras disponíveis às quais o produtor possa recorrer, no sentido de se promover a rotação de culturas, evitando-se a queda acentuada da fertilidade natural do solo. Assim, o agricultor tenta manter a produção via emprego de produtos artificiais na lavoura, como os descritos anteriormente.

A *irrigação* é um outro tipo de técnica utilizada principalmente no cultivo de olerícolas. Na grande maioria das propriedades, é feita por queda d'água. Poucas são as que utilizam motor e, quando o fazem, usam o micro-trator. Em algumas áreas a irrigação é prejudicada, devido à má localização das culturas.

Em termos de adubo orgânico, registra-se a utilização de sub-produtos, ou seja, o uso de palha de café, de banana, de milho e de feijão como elementos adubantes, que tem a vantagem de uma composição mais rápida. Embora o município tenha grande possibilidade de fornecer esse tipo de adubo, já que a produção é elevada e seu uso ainda não se generalizou. Apenas a palha de feijão tem sido utilizada com maior expressão. A do café não é muito empregada na lavoura, principalmente por não haver tradição de uso. Além disso, o café é beneficiado longe das propriedades, em distritos distantes, como Araguaia, Santa Maria, Ponto Alto e Melgaço, o que tornaria oneroso ao produtor a realocação da palha de café dos locais de beneficiamento até seu estabelecimento.

TABELA 9

CONDIÇÕES TÉCNICAS DA PRODUÇÃO

USO DE FERTILIZANTES E DEFENSIVOS POR ESTABELECIMENTO

FERTILIZANTES	1970				1975				1980			
	QUIMICO	ORGÂNICO	TOTAL	%	QUIMICO	ORGÂNICO	TOTAL	%	QUIMICO	ORGÂNICO	TOTAL	%
	565	2.002	2.119	69,2	933	1.985	2.091	79,1	2.078	2.180	2.509	92,3

DEFENSIVOS	ANIMAL	VEGETAL	TOTAL	%	ANIMAL	VEGETAL	TOTAL	%	ANIMAL	VEGETAL	TOTAL	%
		-	-	-	-	1.520	1.413	1.994	75,4	2.280	1.757	2.140

FONTE: FIBGE. Censo Agropecuário de 70 e 80.

NÚMERO DE USO DE TRATORES E ARADOS POR ESTABELECIMENTO:

	1970			1975			1980		
	TRATORES	ARADOS		TRATORES	ARADOS		TRATORES	ARADOS	
		MECÂNICO	MANUAL		MECÂNICO	MANUAL		MECÂNICO	MANUAL
NÚMERO	47	36	104	57	40	123	173	112	136
(%) USO	1,4	1,0	3,2	1,9	1,3	4,4	5,9	3,7	4,1

FONTE: FIBGE - Censo Agropecuário de 70 e 80.

CALENDÁRIO AGRÍCOLA
DOMINGOS MARTINS

	JANEIRO	FEVEREIRO	MARÇO	ABRIL	MAIO	JUNHO	JULHO	AGOSTO	SETEMBRO	OUTUBRO	NOVEMBRO	DEZEMBRO
- Café		Plantio					Colheita			Plantio		
- Feijão das secas		Plantio				Colheita				Plantio		
- Feijão das águas	Colheita									Plantio		Colheita
- Olerícolas*		Plantio									Colheita	
- Olerícolas (inha-me)					Colheita					Plantio		
- Milho				Colheita						Plantio		
- Banana**	Colheita (maior safra)	Plantio				Colheita (menor safra)						Colheita (maior safra)
- Citrus										Plantio		
- Morango					Plantio							
- Tomate			Colheita						Plantio		Colheita	Plantio
- Couve	Plantio											Plantio
- Repolho	Plantio											Plantio
- Cenoura	Plantio											Plantio

*Plantio o ano todo e colheita o ano todo. O esquema acima mostra os picos de demanda de mão-de-obra.

**O ano todo colheita, com picos na safra.

6.

SETORES DE PRODUÇÃO

Domingos Martins caracteriza-se por ser um município bastante diversificado em termos de produção agrícola. Não existe uma cultura principal específica no município, mas uma variedade de culturas principais. Cada uma delas (ou algumas delas) domina uma área municipal limitada, em combinação com as culturas de menor importância em geração de valor (zonas embrionárias e potenciais respectivos) relacionando estrutura fundiária e relações de produção específicas, o que implica numa dinâmica própria de produção. Os setores de produção, definidos por cada uma dessas combinações e respectivas especificidades, serão analisados a seguir.

SETOR 1

O setor de produção 1 localiza-se na região mais alta do município, que tem, em média, 1.000m de altitude. Nele situam-se os distritos de Aracê e algumas pequenas, mas importantes localidades, como: Pedra Azul, São Paulo do Aracê, Aracê, Santa Luzia, São Floriano e São Bento. A fertilidade do solo é, no geral, baixa, ficando as áreas mais férteis localizadas em Aracê, São Paulo do Aracê e arredores.

A olericultura é a principal fonte de renda do setor, especialmente o tomate, a batata, o repolho, o pimentão e o inhame, em ordem decrescente de importância.

O milho e o feijão existem no setor como culturas de subsistência. O feijão é vendido, às vezes, quando a produção excede o necessário ao autoconsumo, sendo assim considerada cultura secundária.

A fruticultura de clima temperado, englobando o pêssego, o figo, a uva, o caqui, a maçã, a pera e, principalmente, o morango, já se encontra em

atividade no setor que, por ter condições apropriadas como clima temperado, altitude expressiva, fácil acesso via BR-262, somados ainda a uma política de fomento do Governo Estadual via financiamento para esta atividade, garante à mesma um potencial de desenvolvimento. Existe um bolsão de fruticultura, tomando grande área em redor de Aracê, com destaque para a produção de morangos. Há no setor grande área com pastagens onde se desenvolve, dependendo do tamanho da propriedade, pecuária bovina para subsistência (geralmente nas propriedades menores de 100ha), ou para comercialização (nas maiores de 100ha), onde a pecuária aparece como atividade principal.

Encontram-se ainda no setor dois bolsões de pecuária mista, estando um localizado em São Floriano e outro em São Paulo do Aracê. E, como a pecuária se torna atividade principal (nas propriedades maiores de 100ha) e ela está localizada como tal nesses bolsões, existe aí uma concentração fundiária bem expressiva. O bolsão de São Paulo do Aracê tem na pecuária e na olericultura as atividades geradoras do maior montante de renda para os produtores.

Há que se destacar ainda no setor a piscicultura englobando cerca de 30 pequenos produtores de carpa e tilápia, e um grande produtor de trutas com 4.000 cabeças, numa propriedade de mais de 100ha. Essa produção de trutas destina-se à comercialização e está localizada na região de Pineiro.

Em relação à estrutura fundiária, o que predomina no setor, segundo dados da EMATER de Domingos Martins, são os estabelecimentos com área média em torno de 70ha. Já os dados do Censo Agropecuário de 1980 mostram que os estabelecimentos abaixo de 100ha existem em maior número (em torno de 70% do total de estabelecimentos do setor), e que os estabelecimentos acima deste patamar ocupam a maior parte da área (cerca de 65% da área total do setor), apontando para uma concentração fundiária incomum, considerando o geral do município.

A área de lavoura por propriedade resume-se a mais ou menos 50% do total, o que é devido principalmente à existência de terrenos bastante acidentados. No restante do estabelecimento localizam-se áreas de pastagens e capoeiras.

Não existe diferenciação marcante de culturas entre os diversos estratos da área, sendo que apenas a pecuária bovina é mais importante nos maiores estratos (acima de 100ha) e inexpressiva nos menores (abaixo de 100ha). Mas, na maioria das propriedades, a cultura principal é a de oleícolas, sendo o feijão e o milho cultivados basicamente para subsistência.

A mão-de-obra predominante no setor é a familiar, significando, em média, 90% do total, sendo utilizada em todas as culturas, principalmente nos estabelecimentos de área abaixo de 100ha.

A parceria é utilizada a uma média de 8% na lavouras de milho e feijão, na fruticultura e, em maior escala, na olericultura. Os parceiros são da própria região e, em alguns casos, são pequenos proprietários vizinhos que não têm condições de tocar a lavoura por conta própria, devido ao custo acelerado dos insumos agrícolas (adubos, fertilizantes, mudas e sementes). Assim, o proprietário fornece os insumos e o parceiro entra com o trabalho, dividindo-se ao final a produção, conforme combinação entre as partes (no geral, à meia). Também ocorre parceria nas propriedades pertencentes a forâneos (moram na capital) que, neste caso, têm as áreas de cultura conduzidas pelo parceiro. O contrário do que ocorre nos sítios de lazer que utilizam assalariados, normalmente não se voltando à exploração agrícola.

O tipo de assalariamento empregado é o temporário, que engloba, no geral, o pequeno proprietário ou o próprio parceiro nas épocas de maior acúmulo de trabalho, como na colheita e na capina, tornando-os assalariados durante esse período.

Também ocorre, no setor, a troca de dias entre pequenos proprietários, em que um trabalha na propriedade do outro, quando se torna necessária essa ajuda extra.

SETOR 2

Este setor está localizado na divisa de Domingos Martins com Alfredo Chaves, englobando as localidades de Araguaia e Rio das Pedras. Nele, as culturas da banana prata e do café constituem-se as principais fontes geradoras de renda para o agricultor, sendo o milho e o feijão atividades de complementação de renda.

A olericultura está começando a se desenvolver e caracteriza-se principalmente pela produção de tomate, seguida pela de repolho e pimentão. Além disso, concentra-se em Rio Fundo uma importante produção de folhosas que se encontra em atividade nas propriedades de até 50ha.

Na maioria das propriedades do setor, a horticultura existe em função do café; isto é, a atividade cafeeira vem em primeiro plano e a horticultura só aparece quando houver espaço, desde que a produção cafeeira esteja garantida.

O que predomina em relação à estrutura fundiária do setor são os estratos de área entre 10 e 50ha, numa média de 70%, vindo a seguir os situados entre 50 e 100ha. Em termos de cultura por estrato, o único destaque é dado às propriedades entre 0 e 50ha que tem a horticultura como atividade principal. Os outros estratos (acima de 50ha) caracterizam-se por uma produção generalizada (café, banana, milho, feijão e olerícolas).

As relações de produção são determinadas, basicamente, pela mão-de-obra familiar. O assalariamento também é bastante expressivo no setor assim como a parceria, embora em menor escala. O assalariamento temporário é empregado principalmente na colheita do café, e é proveniente de outros municípios também produtores de café, como Alfredo Chaves e Afonso Cláudio. Alguns desses assalariados são filhos de proprietários vizinhos.

A parceria ocorre normalmente no café, milho e feijão e acontece, às vezes, de o parceiro se assalariar para o patrão.

SETOR 3

Localizado na região de São Miguel, este setor caracteriza-se pela produção de banana da terra e o café, que aparecem como culturas principais. O feijão, o milho e a avicultura aparecem aí como atividades secundárias. A tendência é o café ocupar o espaço da banana e isto ocorre de forma gradativa. O café plantado em meio ao bananal e, na medida que a primeira cultura se expande, as bananeiras são retiradas.

Constata-se no setor a existência de um número expressivo de granjas de postura e abate, das quais 5 são de grande porte. Entre elas, uma pertence à Dumilho e outra à Cipasa. Existem também grandes proprietários que arrendam pequenas granjas desativadas. Cada um desses proprietários possui granjas próprias e arrendam, alguns deles, mais de vinte outras, o que equivale a um afetivo em torno de 200 mil aves. O arrendamento de granjas funciona da seguinte forma: o arrendatário fornece a ração e o dono da granja entra com o trabalho de preparo e manutenção. Há algum tempo atrás, era comum o arrendatário fornecer a ração, mais um montante correspondente ao número de cabeças, em dinheiro. Atualmente, poucos continuam aderindo a esse tipo de arrendamento.

Na estrutura fundiária do setor, há o predomínio dos estratos de área entre 10 e 50ha, sendo que o número de estabelecimentos nesta faixa de área corresponde a 80% do total. Os outros estratos, em ordem decrescente de importância, são os seguintes: 50 a 100ha, acima de 100ha e 0 a 10ha.

A mão-de-obra familiar é a categoria de força de trabalho mais utilizada no setor, significando 85% do total. A parceria engloba, aproximadamente, 10% da força de trabalho utilizada, empregando pessoas da própria região. Esta última existe nas lavouras de banana, do café, do feijão e do milho, apresentando-se na forma de meação ou de outra, de acordo com a combinação das partes. O assalariamento é, em sua maior parte, tem

porário, ocorrendo nas colheitas do café e da banana. Os poucos assalariados permanentes são utilizados para formar a lavoura do café e da banana e, via de consequência, tornam-se parceiros no milho e no feijão; no café é pequena sua participação.

SETOR 4

Situando próximo à divisa do município com Santa Leopoldina e Cariacica, e tendo como localidades principais Biriricas, Galo, Panelas e Rio Jucu, o setor caracteriza-se pela produção de banana da terra, geradora do maior percentual de renda ao produtor.

O café, o milho e o feijão funcionam, quando existe excedente comercializado, como culturas de complementação de renda, mas são cultivados, no geral, para consumo próprio.

A olericultura está em fase inicial de desenvolvimento, sendo, assim, considerada cultura emergente (ou embrionária). Localiza-se espacialmente na região do Galo, com a produção de tomate, pimenta e jiló. Em Biriricas, produz-se mandioca. No restante do setor, a produção olerícola se acha pulverizada.

Próxima à localidade de Biriricas, existe uma expressiva produção de pimenta malagueta e urucum. Esta última, com uma média de 16 produtores. Existe ainda no setor uma apicultura potencial, que tem grandes possibilidades de desenvolvimento.

A maior parte das propriedades do setor encontram-se entre os estratos de 10 a 50ha (cerca de 70% do total), ocupando uma área equivalente a aproximadamente 50% do setor. Os estratos de área entre 50 a 100ha têm pouca importância no setor, sendo seguidos pelos acima de 100ha e entre 0 e 10ha, que são praticamente insignificantes.

A mão-de-obra familiar, assim como os demais setores, é a categoria de força de trabalho mais utilizada. Ela engloba aproximadamente 90% do total da mão-de-obra do setor, e é empregada principalmente na banicultura. O assalariamento no setor é pouco utilizado, levando em consideração a média de uso dessa categoria no município. A parceria praticamente inexistente aí.

É comum no setor a prática do mutirão e da troca de dias entre proprietários vizinhos.

SETOR 5

Este setor engloba as localidades de Peixe Verde, Usina, Bom Jesus do Morro Baixo e Santa Isabel, limitando-se com o setor 4 pela BR-262.

Aqui a olericultura se apresenta como a principal fonte geradora de renda e, em especial, as folhosas (alface, couve, chicória e temperos). A banicultura, com a produção de banana da terra e de banana prata aparece como cultura secundária. O café e o citrus são culturas embrionárias, tendo sido implantadas recentemente. A apicultura é potencial, com tendência à expansão, apesar do pequeno número de adeptos no setor, hoje.

Os estratos de área entre 10 e 50ha dominam em termos de área (cerca de 60% do total) e o número de estabelecimentos (em torno de 30% do total). Os estabelecimentos com área superior a 100ha ocupam uma porção expressiva, em torno de 20% da área total do setor, não existindo em grande número, ao contrário dos primeiros. Os estabelecimentos entre 50 e 100ha ocupam uma área menor que os maiores de 100ha, mas existem em maior número. Os situados entre 0 e 10ha são insignificantes, tanto em área ocupada como em número.

Quanto ao emprego de mão-de-obra, destaca-se a familiar, com cerca de 90% do total empregado, sendo o assalariamento pouco utilizado e a parceria quase inexistente. Dos assalariados existentes, a maior parte são per

manentes. Estes são empregados nas propriedades onde o dono não estabelece residência (propriedades dos "doutores de fora"), cuja principal produção é a de banana, seguida pela de café e, em menor escala, pelo citrus. Às vezes, o assalariado permanente planta à meia para o patrão, desempenhando papel de parceiro.

SETOR 6

O setor faz divisa com Garrafão, distrito de Santa Leopoldina e engloba, no município de Domingos Martins, a região de Tijuco Preto.

Como culturas principais aparecem aí o café e o feijão. O alho é cultura embrionária, estando em desenvolvimento no setor. A área plantada dessa cultura varia de acordo com o preço de mercado. Se crescente, aumenta-se a área plantada; caso contrário diminui-se. Como cultura de subsistência destaca-se o milho.

Em relação à estrutura fundiária, os estabelecimentos com área entre 10 e 50ha dominam em termos de área ocupada e número de estabelecimentos existentes no setor.

A utilização de mão-de-obra se dá principalmente através da categoria "familiar", significando aproximadamente 85% do total.

SETOR 7

Agrupando as regiões de Costa Pereira e Suído, o setor absorve os dois maiores aglomerados urbanos do município, sendo um deles a própria sede (Campinho de Santa Isabel) e o outro, Marechal Floriano.

Neste setor a olericultura e a avicultura são as atividades que fornecem o maior montante de renda ao produtor. A olericultura tem como desta

que a produção de folhosas e de chuchu. Utiliza-se basicamente da mão-de-obra familiar, que é a categoria de força de trabalho mais empregada no setor (em torno de 70% da mão-de-obra total) e, em menor escala, da parceria, especialmente no cultivo do chuchu.

A avicultura, também caracterizada como atividade principal, faz-se notar pela existência de granjas de grande porte, pelo arrendamento feito de pequenas granjas que, devido ao elevado custo de produção, não tiveram como sobreviver, e também pelo desenvolvimento de indústrias do ramo, como é o caso das fábricas de ração. Essas fábricas são de propriedade de granjeiros da própria região. Também na avicultura a mão-de-obra mais utilizada é a familiar, já que tal atividade não exige muito trabalho.

O café e o feijão com o mesmo grau de importância, são culturas de complementação da renda do agricultor, que utiliza o sistema de parceria (à meia ou à quarta, conforme combinação entre proprietário e parceiro). Na lavoura do café também se emprega assalariados temporários, além dos parceiros que constituem a mão-de-obra básica.

Há também uma produção de citrus localizada nas proximidades de Marechal Floriano, estendendo-se até Alfredo Chaves, com tendência a tornar-se atividade importante nos próximos anos. Ainda não alcançou uma produção expressiva e, assim, não concorre em renda com as atividades principais. Entretanto, esta citricultura tende a ultrapassar, em termos de geração de renda, a olericultura e a avicultura, que são atualmente as principais atividades do setor, vindo a ser a principal atividade do futuro.

O setor 7 possui uma característica marcante, que é a concentração de sítios de recreio, localizados principalmente nos arredores de Suído e Marechal Floriano. Essas propriedades são, no geral, pertencentes a pessoas da cidade, que as utilizam para o lazer, não desenvolvendo quaisquer atividades agropecuárias. O que se desenvolve, na verdade, é a especulação fundiária, transformando cada dia mais, áreas agricultáveis em áreas de lazer.

Em relação à estrutura fundiária, predominam no setor os estabelecimentos com área entre 10 e 50ha e, num percentual bem menor, aqueles entre 50 e 100ha. Os outros estratos de área são inexpressivos. Aos estratos dominantes (10 a 50ha) pode-se associar o grande número de sítios de recreio encontrados no setor e as próprias atividades principais (olericultura e avicultura) que não requerem propriedades extensas.

SETORES 8.1, 8.2, 8.3 e 8.4

Estes setores dominam a maior área municipal, indo desde Santa Maria ao sul, até o Rio Ponte ao norte do município, englobando a sua parte central.

Aqui o café tipo arábica é considerado a cultura principal, sendo o milho, o feijão, a banana e a olericultura, as culturas secundárias.

Ponto Alto, Perobas e especialmente Paraju, são os núcleos urbanos mais importantes da região, abarcada pelos 4 setores.

Sua estrutura fundiária dominante é equivalente aos estratos de área entre 10 e 50ha. Os estratos entre 50 e 100ha têm alguma expressividade, sendo os acima de 100 e entre 0 e 10ha inexpressivos.

A mão-de-obra familiar é a mais utilizada nos setores, seguida pelo assalariamento e pela parceria, a um nível bem inferior de emprego. Até aqui tratou-se as questões comuns aos 4 setores; a seguir, far-se-á uma análise das especificidades de cada um deles.

SETOR 8.1

Situando acima do setor 3, estende-se até a divisa do município com Santa Leopoldina, abarcando as regiões de Alto do Chapéu, Melgacinho, Campo e Melgaço, este último, o principal núcleo urbano do setor.

As atividades secundárias do setor englobam as culturas do feijão e de olerícolas, especialmente o tomate e o repolho. O cultivo do milho constitui atividade de subsistência, assim como a piscicultura existente no setor. A apicultura e a rizicultura apresentam-se como atividades embrionárias.

Os parceiros empregados nas lavouras do café, do milho e do feijão, são, em sua maioria, da própria região. O assalariado temporário, predominante em termos de assalariamento, é empregado na colheita do café e da banana. O assalariado permanente, por sua vez, é utilizado para formar a lavoura do café e, enquanto ainda em formação, torna-se parceiro no feijão; quando o café começa a produzir, esse assalariado passa a ser parceiro neste último.

SETOR 8.2

Este setor localiza-se nas regiões de São Bento, São Tibúrcio e Alto Valdição e tem como atividades secundárias as culturas da banana da terra, do milho e do feijão.

Uma característica que destaca o setor 8.2 dos demais é que este possui as menores propriedades do município, tendo expressão aí os sítios de recreio, que se encontram pulverizados.

SETOR 8.3

Aqui localizam-se os principais aglomerados urbanos da região: Ponto Alto, Perobas e, especialmente, Paraju.

O café é novo na região, tendo surgido há uns 3 anos. Vem se desenvolvendo, segundo alguns produtores, graças à garantia de preços e à capacidade de estocagem. O feijão e o milho são culturas secundárias, que vem diminuindo a produção devido ao seu alto custo e também à instabilidade dos preços. Ainda assim a produção é expressiva.

A olericultura aparece como atividade embrionária, sendo que a maior parte da produção é representada pelo tomate, alho e repolho. Segundo produtores da região, a produção de olerícolas está sendo prejudicada devido à instabilidade de preços e ao crescente custo dos adubos e fertilizantes. A citricultura existente é atividade potencial.

Em relação à estrutura fundiária, o setor possui uma característica própria que é a concentração de grandes proprietários (14 no estrato de 100 a 500ha), numa área situada a oeste das localidades de Ponto Alto e Paraju, estendendo-se ao setor 9.

Uma outra característica marcante do setor é a prática do condomínio, quando os filhos se casam e continuam na propriedade paterna, sem dividi-la. Os irmãos (ãs) e cunhados (as), assim como os pais, plantam juntos, dividindo a produção e os custos relativos à mesma.

SETOR 8.4

Situa-se ao sul do município, junto às localidades de Santa Maria e Basílio, indo da divisa de Domingos Martins com Alfredo Chaves, até a BR-262. Este setor possui a plantação de café considerada mais antiga do município. O feijão e o milho constituem-se, para o setor, culturas secundárias.

A olericultura, como destaque especial para a produção de folhosas e tomate, aparece como atividade embrionária, o que caracteriza também a avicultura.

A citricultura desenvolvida no setor é uma extensão da área de *citrus* existente no setor 7, demonstrando crescimento com a adesão de novos produtores.

Como atividade potencial destaca-se a apicultura.

Quanto às relações de produção, além da mão-de-obra familiar que é dominante, a prática do assalariamento é muito utilizada. Nesta categoria o assalariado temporário é o mais significativo, sendo empregado principalmente no café e recrutado em Alfredo Chaves e Afonso Cláudio. A parceria, com uma utilização bem menor, é empregada no café, milho e feijão, com mão-de-obra do próprio município ou de outros vizinhos.

SETOR 9

Faz divisa com Afonso Cláudio e engloba as localidades de São José do Barcelos, Alto Lajinha, Bom Parto, Alto Jucu, Cristo Rei, Nossa Senhora do Carmo e Volta Redonda. Neste setor as culturas do feijão e do milho são as atividades principais e a pecuária leiteira constitui-se atividade secundária.

A maior parte das propriedades do setor, segundo dados da EMATER de Venda Nova¹, tem em média 70ha. Por outro lado, os dados do Censo Agropecuário de 1980 mostram que as propriedades do estrato acima de 100ha ocupam 60% da área do setor e que as menores de 100ha englobam 70% das propriedades aí existentes. Percebe-se, assim, a existência de muitos estabelecimentos com área abaixo de 100ha, e a incidência de propriedades acima desse patamar ocupando a maior área do setor, indicando uma certa concentração.

Nota-se também uma certa diferenciação de culturas para os estratos de área menores e maiores de 100ha. Assim, nas propriedades maiores de 100ha, a atividade principal é a pecuária, enquanto o milho e o feijão são culturas secundárias; acontece o contrário nas menores de 100ha.

A maior parte da mão-de-obra utilizada é a familiar. A parceria está aumentando, mas ainda é inexpressiva. Esta última é constituída por um con

¹Dados colhidos no escritório local da entidade, pelo fato de o mesmo ser responsável pela área aqui estudada.

tigente de pessoas vindas de outros municípios, principalmente de Afonso Cláudio, ou de outras regiões do próprio município. Ocorre no milho e no feijão a meia ou a quarta, conforme combinação do patrão com o parceiro.

Área de reflorestamento:

Encontra-se no setor uma área extensa de reflorestamento de *pinus elliott*, localizada nas imediações de D'Anta e Antenor Taba. Trata-se de uma área de grandes propriedades, cujos donos residem normalmente na capital, e cuja produção ainda não tem fins específicos; mas é incentivada por isenções fiscais, concedidas pelo Governo.

SETOR 10

Neste setor localizam-se as regiões de Alto Laginha, Alto Jucu e Nossa Senhora do Carmo. Aqui a olericultura é a principal atividade, sendo o milho, o feijão e a pecuária, culturas secundárias. Esta última concentra-se ao norte do setor, divisa com Afonso Cláudio. No restante, que significa a maior área, cultiva-se olerícolas, milho e feijão.

Predominam no setor os estratos de área superiores a 50ha, em que os maiores (acima de 100ha) dedicam-se à bovinocultura e os menores (abaixo de 100ha) à olericultura e, num segundo plano, as lavouras do milho e do feijão.

Localiza-se no setor, margeando o asfalto, um bolsão cuja produção específica é a de olerícolas e onde, contraditoriamente, a estrutura fundiária se mostra concentrada (indicação do Censo de 1980), com o predomínio quase que total de propriedades com área superior a 100ha.

SETOR 11

Situa-se no extremo-oeste do município, divisa com Afonso Cláudio e Con

ceição do Castelo. A pecuária bovina aparece aí como atividade principal e é predominante do tipo mista. As culturas complementares de renda (secundárias) são o milho e o feijão. Há ainda uma área de reflorestamento que, provavelmente, tenha o mesmo objetivo da área de *pinus* localizada no setor 9.

Quanto à estrutura fundiária, predominam os estratos de área acima de 100ha, encaixando na estrutura produtiva em que a bovinocultura é a atividade principal.

7.

COMERCIALIZAÇÃO

1. CAFÉ

A comercialização do café é feita com a entrega da produção a intermediários que a repassam aos agentes exportadores. Grande parte desses intermediários são, além de produtores, donos de máquinas de beneficiamento do café e estão concentrados ao sul de Domingos Martins, na localidade de Santa Maria do Araguaia. Às vezes, aparecem compradores de municípios vizinhos (Conceição do Castelo e Castelo) mas, no geral, os compradores de café são da própria região.

Quando, ao longo da produção, se utiliza parceria, o que é mais comum, a quota pertencente ao parceiro é entregue ao proprietário, que se encarrega de vendê-la juntamente com a sua. Depois de vendida a produção, o proprietário divide a renda, conforme combinação com o parceiro (à meia ou à quarta). O pagamento é efetuado à vista, ou parcelado em 15 ou 30 dias.

É interessante se atentar para o fato de que os compradores de café possuem boa estrutura para armazenamento do produto (galpões e outras áreas físicas). Costumam comprar na safra e, após o beneficiamento, estocam o produto para ser vendido durante o ano, utilizando-se habitualmente do crédito para comercialização.

2. BANANA

Toda a produção municipal é destinada ao mercado estadual. Os intermediários são os maiores compradores, normalmente adquirindo a lavoura fechada, a um preço dado através da média de produção dos pés em uma área

determinada e, na maior parte das vezes, se encarregam de fazer o amadurecimento. Esses intermediários são produtores que possuem veículos para o transporte da produção, ou os próprios representantes das casas de comércio da banana, sendo a "Estrela D'Alva" e "UBES" localizadas em Icoarica e a "Araponga" de Alfredo Chaves, as que mais comercializam o produto do município.

Quanto ao pagamento, segue-se o mesmo esquema do café. É efetuado à vista, ou em parcelas liberadas após 15 ou 30 dias da entrega do produto.

São duas as cadeias de comercialização do produto, até que este chegue às mãos do consumidor:

- a) O produtor vende a produção a intermediários que a revendem à CEASA/ES, ou a agente exportador;
- b) O produtor vende diretamente à CEASA/ES.

As cadeias de comercialização variam de um setor para o outro, conforme descrição a seguir.

2.1. SETOR 2 - BANANA PRATA

Toda produção do setor é vendida a intermediários, que a levam às grandes casas de comércio da banana.

2.2. SETORES 4 E 5 - BANANA DA TERRA

Cerca da metade da produção do setor é entregue a intermediários, que a levam para a CEASA/ES ou para Minas Gerais. O restante é transportado pelos produtores até a CEASA em condução própria, sendo comum o produtor levar a produção, acompanhando o carreteiro transportador.

2.3. SETOR 3 - BANANA DA TERRA

Metade da produção do setor é transportada pelo próprio produtor até a CEASA. A outra é vendida a intermediários, que repassam a produção a firmas comercializadoras de banana ou à CEASA. A firma que normalmente compra a banana deste setor é a Estrela D'Alva, de Iconha.

2.4. SETOR 8.2.

Neste setor, aproximadamente 70% da produção é vendida a intermediários, que a levam à CEASA. O restante é comercializado pelo produtor diretamente na CEASA.

3. OLERICULTURA

Uma parcela da produção é comercializada na CEASA pelo próprio produtor. Todavia, o volume mais expressivo é entregue a intermediários, que são, em sua maioria, produtores e carreteiros, simultaneamente. Existem ainda na comercialização de olerícolas, intermediários não produtores que são os carreteiros - transportadores; mas estes não somam grande número.

Ocorre também de alguns produtores pagarem frete e irem com a produção comercializá-la na CEASA. Entretanto, segundo os produtores, isto não é muito comum. O que acontece na maioria dos casos, é a venda da produção pelos carreteiros e o repasse da renda aos produtores, não tendo estes últimos o controle sobre o valor real da venda de sua mercadoria. Esse é um dos problemas que enfrentam os produtores de olerícolas que não têm informação sobre os preços de mercado, a não ser a fornecida pelos carreteiros.

Um outro sério problema existente na comercialização é o da caixaria. O produtor fornece a caixa que embala as olerícolas, mas não recebe por

ela; apenas pela produção¹. Normalmente o produto é acondicionado nestas caixas, até a venda ao consumidor e seu custo é repassado ao preço final. Nesse caso, tanto o consumidor como o produtor são prejudicados. O primeiro por ter que pagar além do custo de produção o custo da embalagem, e o segundo por não recuperar o gasto com a caixaria, não a recebendo de volta nem sendo indenizado pela sua perda.

A todos estes problemas soma-se a necessidade de uma rápida comercialização do produto, dado seu alto grau de perecibilidade, o que reflete ainda mais a falta de controle dos olericultores sobre a comercialização do seu produto.

Uma forma de amenizar alguns problemas na comercialização de olerícolas seria a abertura de financiamento para a compra de veículos para transporte, proposta feita pelos próprios olericultores da região. Dessa maneira, eles poderiam levar a produção diretamente à CEASA, escapando dos problemas da intermediação do transporte. Mesmo assim a questão da caixaria não seria sanada, visto que os produtores, mesma na CEASA, não vendem aos consumidores, mas aos varejistas, que se apropriam das caixas sem pagar por elas.

Portanto, seriam necessárias medidas mais específicas no caso de caixaria, para que os olericultores do município—que em 1983 ofertaram à CEASA/ES 27.574,6 toneladas, ou seja, 27% da oferta global do Estado—tivessem garantida uma reprodução crescente de sua produção².

4. AVICULTURA

A maior parte da produção é vendida pelos produtores—que são grandes arrendatários avícolas da região—a intermediários na Bahia (geralmente

¹Ou seja, não percebe remuneração equivalente ao custo da embalagem.

²Vale lembrar que Domingos Martins é o segundo município capixaba produtor de hortifrutigranjeiros, vindo após Santa Leopoldina.

feirantes). Apenas uma pequena parte da produção total é reservada ao mercado capixaba.

5. MILHO

A produção municipal é destinada basicamente ao consumo dos próprios produtores, que fazem o beneficiamento em suas propriedades. O excedente (isto é, o que foi além do necessário ao auto-consumo) é vendido pelos produtores aos granjeiros da região. Entretanto, este excedente não é suficiente para o abastecimento das granjas da região, que acabam recorrendo à produção de outros Estados, no sentido de complementarem sua demanda.

6. FEIJÃO

Quase toda a produção é vendida a intermediários, que são produtores do município, ou àqueles de outras localidades, como São Mateus, Castelo, Venda Nova e, principalmente, Vitória. Seu destino é o mercado municipal e estadual. Ocorre também produção à meia ou à quarta, em que o parceiro entrega sua quota ao proprietário, que se encarrega de vendê-la e repassar o montante de renda devido ao primeiro.

7. PRODUTOS CÍTRICOS

O produtor vende diretamente na CEASA, ou ao consumidor nas feiras da capital.

8. MEL DE ABELHAS

Como a produção ainda não é significativa, não dispõe de uma cadeia de comercialização. Assim, o mel produzido no município é vendido diretamente aos consumidores da região (ou de fora), que geralmente compram, no varejo, do próprio produtor.

9. MORANGO

Parte da produção é vendida diretamente aos consumidores (na sede ou na BR-101) por filhos de produtores ou por crianças da vizinhança. O restante é comercializado em Vitória, na CEASA e nas feiras.

O quadro a seguir mostra a produção municipal comercializada na CEASA/ES em 1983, destacando-se os principais produtos: ovos de galinha, tomate, banana da terra e repolho.

PRODUÇÃO DE DOMINGOS MARTINS DESTINADA À CEASA/ES (1983).

PRODUTOS	QUANTIDADE (EM TON.)
Ovos	6.972,3
Tomate	6.717,2
Banana da terra	3.583,8
Repolho	3.052,5
Outros tipos de banana	1.815,3
Chuchu	1.663,9
Banana prata	1.464,1
Cenoura	1.434,9
Pimentão	439,7
Pepino	81,9

CALENDÁRIO AGRÍCOLA

DOMINGOS MARTINS

	JANEIRO	FEVEREIRO	MARÇO	ABRIL	MAIO	JUNHO	JULHO	AGOSTO	SETEMBRO	OUTUBRO	NOVEMBRO	DEZEMBRO
Café		<u>Plantio</u>						<u>Colheita</u>			<u>Plantio (+)</u>	
Feijão das secas		<u>Plantio (+)</u>				<u>Colheita</u>				<u>Plantio</u>		
Feijão das águas	<u>Colheita</u>									<u>Plantio</u>		<u>Colheita</u>
Olerícolas*		<u>Plantio</u>									<u>Colheita</u>	
Olerícolas (inhame)				<u>Colheita</u>						<u>Plantio</u>		
Milho				<u>Colheita</u>						<u>Plantio</u>		
Banana**	<u>Colheita (maior safra)</u>	<u>Plantio</u>				<u>Colheita (menor safra)</u>						<u>Colheita (Maior safra)</u>
Citrus										<u>Plantio</u>		
Morango				<u>Plantio</u>								
Tomate		<u>Colheita</u>						<u>Plantio</u>		<u>Colheita</u>	<u>Plantio</u>	
Couve	<u>Plantio</u>										<u>Plantio</u>	
Repolho	<u>Plantio</u>										<u>Plantio</u>	
Cenoura	<u>Plantio</u>										<u>Plantio</u>	

*Plantio o ano todo e colheita o ano todo - O esquema acima mostra os picos de demanda de mão de obra.

** O ano todo colheita, com picos na safra.

8.

CONCLUSÕES

A estrutura agrária do município caracterizada pela diversidade produtiva mantém ainda todo um aparato tradicional, onde predominam as pequenas propriedades e as relações de trabalho tipicamente familiares. Entretanto, algumas modificações vem acontecendo, e a um nível tal que se pode indicar tendências que, de certa forma, romperiam a estrutura até então mantida.

Isso se torna mais claro quando se nota algumas mudanças nas relações de trabalho, como por exemplo, o aumento de assalariados, inclusive com a entrada de pessoas de outros Estados, o que não é comum no município. Todavia, esse aumento de assalariados é consequência, e não origem, de um fator de transformação ainda mais profundo. Esse fator é a especulação fundiária desenvolvida a partir da pavimentação da BR-262, que possibilitou tornar o município mais acessível e potencialmente favorável ao turismo. Assim, começou uma corrida por sítios de lazer na região, que foi incrementada com a construção de clubes e hotéis. Hoje, o município se configura como pólo turístico do Estado.

Se por um lado a constituição de um pólo turístico tem um significado de desenvolvimentista para o município, por outro, pode significar uma retração a nível do setor agrícola, que é fundamental ao município, por ser a sua base monetária, além de responder pela sobrevivência de muitos produtores e de ser importante ao Estado no nível do abastecimento alimentar.

Isso se deve ao fato de que, cada vez mais, novos espaços se tornam disponíveis à especulação, fazendo inclusive com que os pequenos proprietários, estimulados com o alto preço das terras, vendam suas propriedades e se tornem parceiros nas mesmas ou aumentem o êxodo rural.

Uma outra tendência se observa nas regiões de infra-estrutura mais escassa e de pior acesso. Esta tendência indica a manutenção da pequena propriedade, contudo articulada a formas espoliativas de comercialização, absorvedora de quantidade crescente de insumos, máquinas e equipamentos industriais, além de mais dependente do crédito bancário. Acaba tornando, portanto, esses produtores cada vez mais ligados ao mercado, com suas respectivas formas de produzir determinadas pelo processo maior de reprodução da economia.

Em suma, qualquer que seja o rumo tomado, dadas as características de duas regiões diferenciadas no próprio município - uma com potencial turístico e outra totalmente agrícola - a tendência será específica enquanto se tratar dessas diferenças. Entretanto, há uma tendência, inerente à transformação a nível interno (da região), que é determinada pelo que se deseja adquirir do campo a nível político e econômico.

..... ANEXO

DADOS DOS SETORES CENSITÁRIOS

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES

PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL INTEGRADO

DOMINGOS MARTINS SETOR 01 CULTURAS :/// , /// E ///

ESTRATOS	A.Ocupada	% A.Ocup	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P.OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	27.00	24.107	5	71.429	3.50	12.963	17.50	64.815	29	0	0	18	17035
10 - 50	25.00	22.321	1	14.286	6.50	26.000	2.50	10.000	3	0	0	5	300
50 - 100	60.00	53.571	1	14.286	2.00	3.333	3.00	5.000	2	0	0	0	15
100 - 500	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
500 - 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
+ 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
T O T A L	112.00	100.000	7	100.000	12.00	10.714	23.00	20.536	34	0	0	23	17350

DOMINGOS MARTINS SETOR 03 CULTURAS :/// , /// E ///

ESTRATOS	A.Ocupada	% A.Ocup	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P.OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	67.50	2.793	24	26.966	15.70	23.259	15.50	22.963	67	0	4	43	17692
10 - 50	1463.80	60.568	53	59.551	222.30	15.187	136.60	9.332	278	0	138	231	9258
50 - 100	666.30	27.370	10	11.236	99.50	14.933	37.50	5.628	81	0	88	94	1009
100 - 500	219.20	9.070	2	2.247	20.50	9.352	8.00	3.650	8	0	6	6	85
500 - 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
+ 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
T O T A L	2416.80	100.000	89	100.000	358.00	14.813	197.60	8.176	434	0	236	374	28244

DOMINGOS MARTINS SETOR 04 CULTURAS :/// , /// E ///

ESTRATOS	A.Ocupada	% A.Ocup	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P.OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	103.90	2.813	20	20.000	27.80	26.757	35.60	34.264	75	0	33	166	7681
10 - 50	1604.50	43.442	55	55.000	229.50	14.304	169.50	10.564	308	2	251	509	150403
50 - 100	1615.50	43.740	22	22.000	169.00	10.461	109.00	6.747	148	0	181	280	4660
100 - 500	369.50	10.004	3	3.000	27.50	7.442	22.00	5.954	23	0	84	108	4140
500 - 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
+ 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
T O T A L	3693.40	100.000	100	100.000	453.80	12.287	336.10	9.100	554	2	549	1063	166884

DOMINGOS MARTINS SETOR 05 CULTURAS :/// , /// E ///

ESTRATOS	A.Ocupada	% A.Ocup	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P.OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	33.50	1.156	6	8.955	16.50	49.254	13.50	40.299	18	0	41	37	575
10 - 50	1019.20	35.179	38	56.716	111.70	10.960	102.30	10.037	132	0	188	248	11031
50 - 100	1095.50	37.812	17	25.373	88.50	8.079	51.00	4.655	62	0	224	130	4450
100 - 500	749.00	25.853	6	8.955	42.50	5.674	32.00	4.272	32	0	250	93	3230
500 - 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
+ 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
T O T A L	2897.20	100.000	67	100.000	259.20	8.947	198.80	6.862	244	0	703	508	19286

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES
PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL INTEGRADO

DOMINGOS MARTINS SETOR 06 CULTURAS :/// , /// E ///

ESTRATOS	A.Ocupada	% A.Ocup	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P.OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	16.50	0.309	4	3.390	7.70	46.667	5.60	33.939	14	0	0	6	19702
10 - 50	2076.50	38.930	75	63.559	325.00	15.651	432.80	20.843	414	4	288	661	11113
50 - 100	2058.50	38.592	30	25.424	194.70	9.458	295.00	14.331	180	2	235	320	2270
100 - 500	1182.50	22.169	9	7.627	65.00	5.497	93.00	7.865	55	0	74	111	10541
500 - 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
+ 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
T O T A L	5334.00	100.000	118	100.000	592.40	11.106	826.40	15.493	663	6	597	1098	43626

DOMINGOS MARTINS SETOR 08 CULTURAS :/// , /// E ///

ESTRATOS	A.Ocupada	% A.Ocup	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P.OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	70.00	1.884	12	11.765	26.00	37.143	10.50	15.000	60	0	24	37	856
10 - 50	1876.00	50.498	72	70.588	530.70	28.289	213.80	11.397	502	0	246	537	19150
50 - 100	671.50	18.075	10	9.804	107.00	15.935	48.00	7.148	57	1	83	106	648
100 - 500	1097.50	29.542	8	7.943	97.50	8.884	52.00	4.738	122	3	266	50	20188
500 - 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
+ 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
T O T A L	3715.00	100.000	102	100.000	761.20	20.490	324.30	8.729	741	4	619	730	221842

DOMINGOS MARTINS SETOR 09 CULTURAS :/// , /// E ///

ESTRATOS	A.Ocupada	% A.Ocup	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P.OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	63.50	4.072	10	18.182	15.00	23.622	11.50	18.110	46	0	0	46	465
10 - 50	985.00	63.161	41	74.546	168.50	17.107	82.50	8.376	235	0	189	305	212251
50 - 100	127.00	8.144	2	3.636	6.00	4.724	4.00	3.150	9	0	10	11	30060
100 - 500	384.00	24.623	2	3.636	22.50	5.859	12.00	3.125	10	0	118	17	150
500 - 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
+ 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
T O T A L	1559.50	100.000	55	100.000	212.00	13.594	110.00	7.054	300	0	317	379	292926

DOMINGOS MARTINS SETOR 12 CULTURAS :/// , /// E ///

ESTRATOS	A.Ocupada	% A.Ocup	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P.OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	188.70	7.655	28	32.184	34.10	18.071	35.70	18.919	87	0	0	62	23593
10 - 50	1351.00	54.803	49	56.322	176.20	13.042	140.90	10.429	252	0	20	359	74312
50 - 100	345.00	13.995	6	8.897	18.20	5.275	20.00	5.797	42	0	9	60	5080
100 - 500	580.50	23.548	4	4.598	122.50	21.103	31.70	5.461	84	0	24	321	79
500 - 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
+ 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
T O T A L	2465.20	100.000	87	100.000	351.00	14.238	228.30	9.261	465	0	53	802	103044

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES

PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL INTEGRADO

DOMINGOS MARTINS SETOR 13 CULTURAS :/// , /// E ///

ESTRATOS	A.Ocupada	% A.Ocup	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P.OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	68.00	1.726	21	20.588	15.30	22.500	19.30	28.382	47	0	0	16	13195
10 - 50	1884.75	47.832	59	57.843	259.00	13.742	183.00	9.710	249	1	158	463	67912
50 - 100	744.10	23.960	14	13.726	95.00	10.063	87.00	9.215	95	2	107	175	313917
100 - 500	1043.50	26.482	8	7.843	36.50	3.498	29.50	2.827	60	1	173	89	35445
500 - 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
+ 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
T O T A L	3940.35	100.000	102	100.000	405.80	10.299	318.80	8.091	451	4	438	743	430469

DOMINGOS MARTINS SETOR 14 CULTURAS :/// , /// E ///

ESTRATOS	A.Ocupada	% A.Ocup	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P.OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	19.00	64.407	2	66.667	7.00	36.842	1.50	7.895	9	0	0	18	30
10 - 50	10.50	35.593	1	33.333	4.00	38.095	2.00	19.048	2	0	0	2	1000
50 - 100	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
100 - 500	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
500 - 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
+ 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
T O T A L	29.50	100.000	3	100.000	11.00	37.288	3.50	11.864	11	0	0	20	1030

DOMINGOS MARTINS SETOR 15 CULTURAS :/// , /// E ///

ESTRATOS	A.Ocupada	% A.Ocup	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P.OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	42.70	2.791	9	20.000	22.50	52.693	3.80	8.899	28	0	0	21	8235
10 - 50	936.26	61.195	30	66.667	135.00	14.419	87.84	9.382	121	3	156	302	21905
50 - 100	291.00	19.020	4	8.889	22.00	7.560	7.00	2.406	22	0	4	15	5660
100 - 500	260.00	16.994	2	4.444	8.00	3.077	12.00	4.615	6	0	8	31	0
500 - 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
+ 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
T O T A L	1529.96	100.000	45	100.000	187.50	12.255	110.64	7.232	177	3	168	369	35800

DOMINGOS MARTINS SETOR 16 CULTURAS :/// , /// E ///

ESTRATOS	A.Ocupada	% A.Ocup	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P.OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	201.30	2.715	36	20.225	45.50	22.603	71.50	35.519	106	1	11	73	67850
10 - 50	2859.90	38.574	96	53.933	534.90	18.704	443.20	15.497	397	2	365	1171	146343
50 - 100	2386.40	32.187	33	18.539	378.20	15.848	290.90	12.190	221	2	407	255	19175
100 - 500	1966.50	26.524	13	7.303	215.00	10.933	226.00	11.493	137	3	271	135	134241
500 - 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
+ 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
T O T A L	7414.10	100.000	178	100.000	1173.60	15.829	1031.60	13.914	861	8	1054	1634	367607

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES
PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL INTEGRADO

DOMINGOS MARTINS SETOR 17 CULTURAS :/// , /// E ///

ESTRATOS	A.Ocupada	% A.Ocup	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P.OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	42.50	1.646	7	14.000	14.70	34.588	17.30	40.706	13	0	0	5	110
10 - 50	814.50	31.543	26	52.000	78.00	9.576	145.20	17.827	81	1	110	114	700
50 - 100	768.20	29.750	11	22.000	49.50	6.444	99.00	12.887	43	2	95	106	535
100 - 500	957.00	37.061	6	12.000	25.80	2.696	75.00	7.837	30	1	103	66	3580
500 - 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
+ 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
T O T A L	2582.20	100.000	50	100.000	168.00	6.506	336.50	13.032	167	4	308	291	4925

DOMINGOS MARTINS SETOR 19 CULTURAS :/// , /// E ///

ESTRATOS	A.Ocupada	% A.Ocup	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P.OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	48.30	0.572	13	12.381	3.50	7.246	34.50	71.429	42	1	2	31	356
10 - 50	1025.28	12.149	36	34.286	42.72	4.167	249.10	24.296	133	9	445	176	2208
50 - 100	1930.20	22.872	25	23.810	22.80	1.181	300.90	15.589	101	3	628	220	1587
100 - 500	5435.36	64.407	31	29.524	95.54	1.758	532.04	9.788	212	17	1491	358	7754
500 - 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
+ 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
T O T A L	8439.14	100.000	105	100.000	164.56	1.950	1116.54	13.230	468	30	2566	765	11905

DOMINGOS MARTINS SETOR 20 CULTURAS :/// , /// E ///

ESTRATOS	A.Ocupada	% A.Ocup	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P.OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	165.50	1.715	27	15.169	7.90	4.773	118.60	71.662	50	0	14	78	1063
10 - 50	2495.40	25.862	37	48.876	38.00	3.526	653.90	26.204	297	6	462	400	3587
50 - 100	2566.30	26.602	37	20.787	115.50	4.500	437.00	17.025	203	6	550	313	38080
100 - 500	4421.20	45.821	27	15.169	46.00	1.040	447.80	10.129	193	10	1031	112	960
500 - 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
+ 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
T O T A L	9648.90	100.000	178	100.000	257.40	2.668	1657.30	17.176	743	22	2057	903	43710

DOMINGOS MARTINS SETOR 21 CULTURAS :/// , /// E ///

ESTRATOS	A.Ocupada	% A.Ocup	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P.OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	22.60	0.421	6	8.824	2.60	11.504	11.50	50.885	11	2	2	13	68
10 - 50	885.20	16.485	30	44.118	51.70	5.840	196.00	22.142	121	4	299	253	1597
50 - 100	1140.30	21.236	15	22.059	81.00	7.103	93.00	8.156	202	1	365	310	341125
100 - 500	2181.50	40.627	15	22.059	30.10	1.380	184.00	8.435	69	2	722	144	10595
500 - 1000	1140.00	21.231	2	2.941	110.00	9.649	260.00	22.807	165	2	204	70	80
+ 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
T O T A L	5369.60	100.000	68	100.000	275.40	5.129	744.50	13.865	568	11	1592	790	353465

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES

PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL INTEGRADO

DOMINGOS MARTINS SETOR 22 CULTURAS :/// , /// E ///

ESTRATOS	A.Ocupada	% A.Ocup	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P.OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	113.00	2.869	14	23.333	7.50	6.637	72.00	63.717	34	0	19	93	415
10 - 50	639.00	16.227	21	35.000	24.00	3.756	182.00	28.482	70	0	169	130	902
50 - 100	906.00	23.007	13	21.667	33.90	3.742	141.00	15.563	56	1	274	99	525
100 - 500	2280.00	57.897	12	20.000	31.00	1.360	249.00	10.921	57	0	636	155	590
500 - 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
+ 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
T O T A L	3938.00	100.000	60	100.000	96.40	2.448	644.00	16.353	227	1	1098	467	2432

DOMINGOS MARTINS SETOR 23 CULTURAS :/// , /// E ///

ESTRATOS	A.Ocupada	% A.Ocup	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P.OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	58.50	1.892	13	21.312	3.50	5.983	45.20	77.265	29	0	19	60	220
10 - 50	730.00	23.614	25	40.984	27.40	3.753	179.90	24.644	76	1	163	193	957
50 - 100	881.90	28.524	12	19.672	23.80	2.699	109.70	12.441	45	1	161	92	485
100 - 500	1421.10	45.970	11	18.033	27.50	1.935	134.50	9.465	52	1	299	97	541
500 - 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
+ 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
T O T A L	3091.40	100.000	61	100.000	82.20	2.659	469.30	15.181	201	3	642	442	2203

DOMINGOS MARTINS SETOR 24 CULTURAS :/// , /// E ///

ESTRATOS	A.Ocupada	% A.Ocup	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P.OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	4.00	4.444	1	20.000	1.00	25.000	1.00	25.000	3	0	0	0	0
10 - 50	86.00	95.556	4	80.000	11.00	12.791	9.00	9.302	10	0	3	3	35
50 - 100	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
100 - 500	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
500 - 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
+ 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
T O T A L	90.00	100.000	5	100.000	12.00	13.333	9.00	10.000	13	0	3	3	35

DOMINGOS MARTINS SETOR 25 CULTURAS :/// , /// E ///

ESTRATOS	A.Ocupada	% A.Ocup	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P.OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	42.50	2.262	9	17.308	5.50	12.941	18.00	42.353	27	0	0	58	7675
10 - 50	891.00	47.432	32	61.539	137.00	15.376	138.50	15.544	150	1	185	300	17441
50 - 100	575.00	30.610	8	15.385	55.50	9.652	61.00	10.609	51	0	212	171	15354
100 - 500	370.00	19.697	3	5.769	18.50	5.000	20.00	5.405	31	2	63	58	1000
500 - 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
+ 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
T O T A L	1878.50	100.000	52	100.000	216.50	11.525	237.50	12.643	259	3	460	587	41470

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES
PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL INTEGRADO

DOMINGOS MARTINS SETOR 26 CULTURAS : /// , /// E ///

ESTRATOS	A.Ocupada	% A.Ocup	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P.OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
10 - 50	116.00	52.968	5	83.333	47.00	40.517	16.00	13.793	30	0	45	14	50
50 - 100	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
100 - 500	103.00	47.032	1	16.667	13.50	13.107	7.50	7.232	3	0	20	12	50
500 - 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
+ 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
T O T A L	219.00	100.000	6	100.000	60.50	27.626	23.50	10.731	38	0	65	26	100

DOMINGOS MARTINS SETOR 27 CULTURAS : /// , /// E ///

ESTRATOS	A.Ocupada	% A.Ocup	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P.OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	13.80	16.274	4	50.000	1.80	13.044	5.50	39.955	11	0	0	5	35
10 - 50	71.00	83.726	4	50.000	13.00	18.310	12.00	16.901	20	1	35	27	518
50 - 100	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
100 - 500	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
500 - 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
+ 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
T O T A L	84.80	100.000	8	100.000	14.80	17.453	17.50	20.637	31	1	35	32	553

DOMINGOS MARTINS SETOR 28 CULTURAS : /// , /// E ///

ESTRATOS	A.Ocupada	% A.Ocup	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P.OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	139.00	4.740	21	21.000	44.00	31.655	52.90	37.936	57	0	29	103	6258
10 - 50	1918.90	62.026	66	66.000	220.00	12.096	292.50	15.532	232	5	194	605	31720
50 - 100	734.50	25.049	11	11.000	47.50	6.467	62.00	8.441	46	0	66	98	8470
100 - 500	240.00	8.185	2	2.000	21.00	8.750	15.50	6.458	15	0	29	29	120
500 - 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
+ 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
T O T A L	2932.30	100.000	100	100.000	332.50	11.339	412.90	14.078	350	5	316	934	47162

DOMINGOS MARTINS SETOR 29 CULTURAS : /// , /// E ///

ESTRATOS	A.Ocupada	% A.Ocup	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P.OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	108.00	1.449	14	9.150	11.70	10.833	17.45	16.157	24	0	36	33	286
10 - 50	2761.40	37.054	91	59.477	277.50	10.049	448.00	16.224	362	3	227	559	56001
50 - 100	2363.00	31.708	34	22.222	167.00	7.067	268.50	11.363	206	2	427	295	33705
100 - 500	2220.00	29.789	14	9.150	104.50	4.707	170.50	7.680	82	0	326	175	830
500 - 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
+ 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
T O T A L	7452.40	100.000	153	100.000	560.70	7.524	904.45	12.136	674	5	1016	1062	90822

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES
PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL INTEGRADO

DOMINGOS MARTINS		SETOR 30		CULTURAS :/// , /// E ///										
ESTRATOS	A.Ocupada	% A.Ocup	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P.OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S	
0 - 10	118.30	2.834	19	23.457	36.30	30.685	60.30	50.972	46	1	74	90	465	
10 - 50	723.00	17.321	30	37.037	131.50	18.188	177.50	24.551	102	0	176	224	951	
50 - 100	1293.40	30.986	18	22.222	127.50	9.858	192.50	14.883	106	0	295	244	965	
100 - 500	2039.50	48.860	14	17.284	197.50	9.684	189.50	9.291	143	3	405	187	629	
500 - 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0	
+ 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0	
T O T A L	4174.20	100.000	81	100.000	492.80	11.806	619.80	14.848	397	4	950	745	3010	

DOMINGOS MARTINS		SETOR 31		CULTURAS :/// , /// E ///										
ESTRATOS	A.Ocupada	% A.Ocup	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P.OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S	
0 - 10	147.70	3.673	26	20.313	29.20	19.770	99.50	67.366	45	0	38	131	944	
10 - 50	2232.80	55.520	81	63.281	156.50	7.009	585.50	26.223	238	0	273	619	3966	
50 - 100	1418.10	35.262	19	14.644	71.50	5.042	215.00	15.161	55	1	250	212	970	
100 - 500	223.00	5.545	2	1.563	9.00	4.036	17.00	7.623	7	0	13	12	80	
500 - 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0	
+ 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0	
T O T A L	4021.60	100.000	128	100.000	266.20	6.619	917.00	22.802	375	1	574	974	5960	

DOMINGOS MARTINS		SETOR 32		CULTURAS :/// , /// E ///										
ESTRATOS	A.Ocupada	% A.Ocup	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P.OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S	
0 - 10	128.00	2.197	15	9.091	22.70	17.734	58.30	45.547	41	0	39	116	652	
10 - 50	3157.50	54.194	119	72.121	271.75	8.606	682.50	21.615	391	11	498	1307	5281	
50 - 100	1776.60	30.496	26	15.758	97.00	5.459	179.50	10.102	113	2	303	306	1765	
100 - 500	764.00	13.113	5	3.030	14.00	1.832	44.00	5.759	39	2	141	82	478	
500 - 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0	
+ 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0	
T O T A L	5826.30	100.000	165	100.000	405.45	6.959	964.30	16.551	584	15	981	1811	8176	

DOMINGOS MARTINS		SETOR 33		CULTURAS :/// , /// E ///										
ESTRATOS	A.Ocupada	% A.Ocup	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P.OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S	
0 - 10	7.20	6.040	2	66.667	1.00	13.889	5.50	76.389	6	0	0	7	58	
10 - 50	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0	
50 - 100	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0	
100 - 500	112.00	93.960	1	33.333	10.00	8.929	32.00	28.571	12	1	5	20	100	
500 - 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0	
+ 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0	
T O T A L	119.20	100.000	3	100.000	11.00	9.228	37.50	31.460	18	1	5	27	158	

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES
PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL INTEGRADO

DOMINGOS MARTINS SETOR 34 CULTURAS :/// , /// E ///

ESTRATOS	A.OCUPADA	% A.OCUP	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P.OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	106.50	6.039	14	21.539	15.40	14.460	65.40	61.409	28	0	0	61	397
10 - 50	1061.00	60.165	42	64.615	105.30	9.925	274.50	25.872	132	3	121	347	1566
50 - 100	596.00	33.796	9	13.846	40.70	6.829	102.00	17.114	36	1	66	94	349
100 - 500	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
500 - 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
+ 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
T O T A L	1763.50	100.000	65	100.000	161.40	9.152	441.90	25.058	196	4	187	502	2312

DOMINGOS MARTINS SETOR 35 CULTURAS :/// , /// E ///

ESTRATOS	A.OCUPADA	% A.OCUP	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P.OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	55.50	0.881	9	5.625	12.10	21.802	17.40	31.351	23	0	8	66	398
10 - 50	3060.50	48.588	107	66.875	429.90	14.047	370.50	12.106	393	4	412	835	69179
50 - 100	2808.50	44.587	41	25.625	246.00	8.759	225.50	8.029	185	4	327	527	33345
100 - 500	374.40	5.944	3	1.875	41.00	10.951	39.00	10.417	17	1	34	26	1070
500 - 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
+ 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
T O T A L	6298.90	100.000	160	100.000	729.00	11.573	652.40	10.357	618	9	781	1454	103992

DOMINGOS MARTINS SETOR 36 CULTURAS :/// , /// E ///

ESTRATOS	A.OCUPADA	% A.OCUP	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P.OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	61.10	2.153	14	16.279	5.80	9.493	13.30	21.768	43	0	0	28	192
10 - 50	1786.50	62.938	59	68.605	152.50	8.536	274.50	15.365	251	2	388	332	1628
50 - 100	728.90	25.679	11	12.791	69.50	9.535	74.50	10.221	108	1	109	100	431
100 - 500	262.00	9.230	2	2.326	5.00	1.908	5.00	1.908	11	0	34	19	80
500 - 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
+ 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
T O T A L	2838.50	100.000	86	100.000	232.80	8.202	367.30	12.940	413	3	531	479	2331

DOMINGOS MARTINS SETOR 37 CULTURAS :/// , /// E ///

ESTRATOS	A.OCUPADA	% A.OCUP	PROP	% PROP	A L P	% ALP	A L T	% ALT	P.OCU	TRAT.	B O V	S U I	A V E S
0 - 10	320.70	5.457	44	19.130	38.70	12.067	115.80	36.109	110	0	40	189	996
10 - 50	4297.50	73.128	167	72.609	488.60	11.369	783.25	18.226	582	21	788	1425	7997
50 - 100	1153.00	19.620	18	7.826	83.50	7.242	138.50	12.012	79	33	238	220	1742
100 - 500	105.50	1.795	1	0.435	2.00	1.896	6.00	5.687	3	0	20	15	20
500 - 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
+ 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
T O T A L	5876.70	100.000	230	100.000	612.80	10.428	1043.55	17.757	774	54	1086	1849	10755

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES

PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL INTEGRADO

TOTAL DO MUNICIPIO DE DOMINGOS MARTINS

ESTRATOS	A.Ocupada	% A.Ocup	PROP	% PROP	ALP	% ALP	ALT	% ALT	P.OCU	TRAT.	BOV	SUI	AVES
0 - 10	2604.30	2.330	449	16.526	301.50	19.257	1070.85	41.119	1228	5	432	1700	198317
10 - 50	44744.80	40.039	1602	58.962	5456.67	12.195	7656.29	17.111	6564	84	6992	12656	931262
50 - 100	31901.30	28.546	457	16.820	2512.30	7.875	3652.00	11.448	2584	65	5714	4853	916357
100 - 500	31361.80	28.064	207	7.619	1349.44	4.303	2686.54	8.566	1528	47	6645	2527	417576
500 - 1000	1140.00	1.020	2	0.074	110.00	9.849	260.00	22.807	165	2	204	70	80
+ 1000	0.00	0.000	0	0.000	0.00	0.000	0.00	0.000	0	0	0	0	0
TOTAL	111752.00	100.000	2717	100.000	9929.91	8.886	115325.70	13.714	12069	203	19987	21806	12463590